

O UNIVERSO A CORES

De Corrado Malanga

Tradução: ana devito

Nos precedentes artigos falámos do Triade Color Teste (TCT) e de como se possa utilizar esta simples simulação mental para obter um mapa da saúde não só mental mas anímico-espiritual do sujeito que estamos examinando.

Em particular, traçámos as linhas guia de como utilizar os espaços mentais de Pulver para obter respostas inconscientes mas espontâneas do sujeito examinado, que mostrasse a relação que o mesmo tinha com as suas três componentes (alma, mente e espírito) ao interno do próprio contendor (corpo).

A posição, a cor, a grandeza assim como outras características das três esferas que se iluminavam no espaço mental constituíam a radiografia interna do próprio estado de saúde, baseada sobre os estudos de Pulver e Luscher mas também sobre a PNL.

Sobre esta base, tal interpretação, como frequentemente acontece, vem deixada também à capacidade do leitor do teste de interpretar as posições e as cores das esferas em modo decididamente simbólico e arquetípico.

Neste contexto porém nasciam perplexidades sobre algumas tipologias de constelações arquetípicas (os modos de dispor as cores das esferas) que não podiam ser facilmente identificadas por aqueles que, por falta de sensibilidade, não eram capazes de identificar os significados inconscientes que o sujeito suposto ao exercício, tentava subliminalmente comunicar através da resolução do teste em si.

Por isto sentimos a exigência de elaborar um critério visual para aplicar a todos os casos que, na mão de todos, pudesse representar uma útil e geral, clara, inequívoca, chave de leitura do teste.

Tal critério, como veremos cedo, forneceu além disso, a possibilidade de compreender ainda melhor a presença de sistemas ligados a parasitas incorpóreos que frequentemente se engancham à mente e ao próprio espírito dos sujeitos anímicos transformando-lhe o carácter e relegando-lhe o comportamento ao interno de esquemas de tipo paranóico ou esquizofrenóide.

A este ponto é de sublinhar, como tivemos podido notar em todos estes anos, como alguns sujeitos que investigavam sobre si mesmos com a ideia de se encontrar frente a uma verdadeira abdução alienígena, eram, ao contrário, sujeitos com interferências de seres que com a verdadeira abdução não tinham nada a ver. Parasitas extra-corpóreos que, evidentemente, movidos pela ideia de se alimentar da energia anímica, se agarravam ao sistema triádico utilizando-lhe os recursos internos.

A existência destes parasitas tinha sido já indicada por muitas culturas xamânicas, de Castaneda à Blavatsky e as nossas investigações não fazem nada mais que evidenciar-lhe a existência que, frente à nossa inicial incrédula observação, se manifestou em toda a sua realidade.

A presença deste parasitas, que além do mais não tinham muita consciência de si, produzia, nos sujeitos examinados, patologias que tendiam a alterar-lhe o comportamento social, provocando, geralmente, fortes depressões, comportamentos ansiógenos, sentimentos auto-lesivos, desestima de si próprios.

O TCT respondia nestes casos, onde o TAV (Teste de Auto-avaliação para a análise de presença de interferência alienígena) dava resposta negativa, de maneira satisfatória, mostrando uma forte interferência na análise das cores das três esferas correspondentes ideicamente a alma, mente e espírito, que se pedia de criar mentalmente, num espaço interno, numa simulação mental especial, que tomava precisamente o nome de TCT.

Se por um lado a identificação do significado arquetípico da posição e das dimensões das esferas era de facto estabelecido pelas regras da PNL e por Pulver, tornava-se muito complexo estabelecer o significado ideico das cores das próprias esferas com exactidão absoluta para identificar a patologia que eventualmente caracterizasse o sujeito examinado, seja que esse fosse sujeito a abdução, a simples parasitagem ou estivesse ligado a transtornos de natureza mental.

Para poder compreender o significado profundo do TCT e poder demonstrar a sua potencialidade devemos, antes de mais, compreender o profundo mecanismo com o qual o sujeito examinado estabelece inconscientemente as cores das suas três identidades.

A física das cores e as ideias de Kosslyn

O neurofísico Kosslyn estabeleceu egregiamente, mediante numerosos experimentos, que o cérebro trabalha computacionalmente como um banal computador. Quando lhe se dão tantas coisas a fazer, retarda.

Depois, vai absolutamente sublinhado como Kosslyn consiga demonstrar que o cérebro e as simulações mentais que ele produz, seguem as leis da virtualidade do mundo externo. Por ex., se se pede a um sujeito visual de se imaginar uma bolinha de borracha que bate num chão rígido, o sujeito verá a bolinha, dentro a sua cabeça, cair no chão e saltar. E se fazemos também caso aos saltos, notar-se-há que a bolinha todas as vezes que salta chega exactamente a metade da altura respeito ao ponto de partida.

Devemos notar nesta simulação mental, que se essa fosse fruto de uma banal ilusão, a bolinha não saltaria no chão simulado pelo nosso cérebro. Ao invés, essa salta e simula à perfeição aquilo que na verdade acontece na realidade virtual (isto é, ao externo da mente do sujeito, se se devesse verdadeiramente deixar cair uma bolinha de borracha no chão).

Para aquilo que diz respeito ao invés, à física das cores, essas eram perfeitamente imitadas pelo nosso sujeito que se submetia ao TCT. Por ex., se um sujeito via as três esferas coloradas de verde, azul e vermelho, quando essas se reuniam, a esfera soma das três era branca. De facto, somando os três comprimentos de onda das três fundamentais RGB (Red, Green, Blu) a física diz-nos que é próprio a cor branca a representar a mistura das três cores.

Quem quer que seja que se tenha submetido a este teste que tivesse tido as três esferas de partida com as cores vermelho, azul e verde, teria dado, como resposta final, uma esfera de cor branca, seja que tivesse sido um professor de física de uma prestigiosa universidade estrangeira, seja que tivesse sido um agricultor da Amazónia.

Sobre esta observação, pensámos que, se num dado caso a cor de uma das três esferas ou de todas as três, fosse sido diferente da cor atribuída e identificada pela norma, isto acontecia por um único motivo fundamental. Qualquer coisa alterava “fisicamente” a vibração atribuída àquela componente.

Por ex., já estabelecemos nos artigos precedentes que a norma para um sujeito que não tivesse nenhum tipo de parasitagem externo e tão pouco fosse sujeito a problemas de abdução alienígena, era representada pelo verdadeiro e próprio sistema triádico RGB. Portanto, por ex., Mente deve ser de cor verde. Mente tem uma sua própria vibração que o nosso sistema operativo interno define com a cor verde, que para além disso corresponde a uma verdadeira e própria vibração ligada a uma expressão matemática do tipo:

$$M = \text{sen}(\Omega t + \Phi)$$

Se a cor vem percebida diversa do verde, existe alguma coisa que lhe altera a frequência de base. Tal frequência pode ser alterada porque biologicamente aquele tipo de Mente não é suficientemente consciente da sua componente espacial ou temporal. Recordo aqui que, Mente tem um eixo do espaço e um eixo do tempo mas não tem ideia do eixo da energia potencial.

Portanto, a frequência de Mente resulta alterada por simples parâmetros internos. As suas componentes que correspondem a duas cores distintas, o azul para o eixo do tempo e o vermelho para o eixo do espaço, não serão ao máximo e darão uma vibração final que alterará a cor, que de verde passará a outra cor.

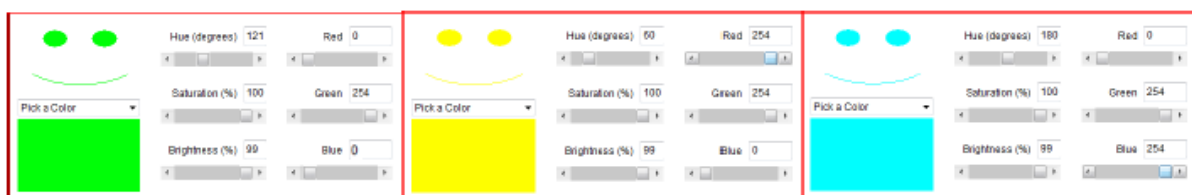
É de notar que, na nossa convenção, a cor da Mente é correspondente à cor do eixo ausente. A cor do eixo da energia é verde e portanto, sendo que na Mente, o eixo das energias não existe, eis que a mente tem que ser verde. Analogamente, por ex., o Espírito é vermelho porque falta eixo do espaço que é vermelho. O Espírito portanto, absorve o azul e o verde mas reflecte o vermelho e é portanto, em condições normais, vermelho. Obviamente, Alma será, pelas mesmas razões, de cor azul.

Arquetipicamente, Alma, Mente e Espírito ocupam, no espaço de Pulver, o espaço que ocupam as cores correspondentes. Azul, verde e vermelho, de facto, vão da esquerda para a direita na totalidade dos sistemas de representação que arquetipicamente e inconscientemente os cientistas escolheram de adoptar.

Na maioria dos casos, isto é, nos destros, o azul de Alma, se de frente a quem observa, vem recebido do olho esquerdo porque é correspondente ao hemisfério direito. Assim, Alma é azul e está à esquerda de quem observa, assim como Espírito está à direita de quem observa porque é percebido pelo olho direito que manda os sinais ao hemisfério esquerdo, onde precisamente Espírito se existe e trabalha. O corpo caloso poderia-se identificar com Mente que é verde e está no centro do espectro das frequências. Assim o azul, o verde e o vermelho, representarão para todas as populações e as diversas culturas no mundo, a ideia de Alma, Mente e Espírito.

Exame das cores do TCT num sujeito não abduzido mas com carências espaço-energético-temporais

Portanto, admitamos que exista um eixo da Mente que possui uma coloração que se desvie do verde porque vibracionalmente desequilibrada.



Como se pode notar neste exemplo prático, o verde de Mente pode tornar-se amarelo se o eixo do vermelho, correspondente à absorção daquela cor e correspondente ao espaço, vem anulado (absorção máxima = 0, reflexão total = 255).

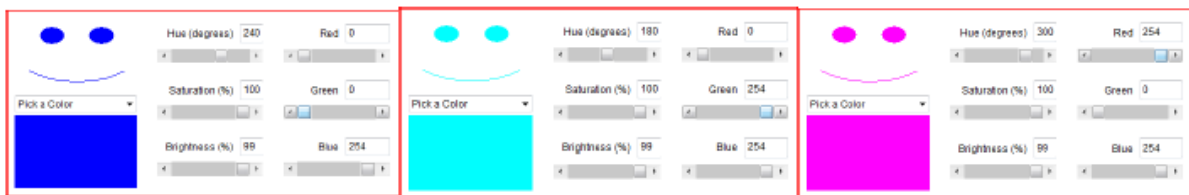
Isto quer dizer que a mente se se torna amarela não tem ideia do espaço mas vive só no tempo. Analogamente, se o eixo do tempo, correspondente à cor azul vem anulado na absorção (Azul = 255) eis que a mente se torna ciano (a não confundir com o azul claro). Mas tudo isto como deve ser interpretado?

Uma mente sem espaço ou uma mente sem ideia do tempo é uma mente que não é capaz de efectuar bem o seu trabalho e que se coloca mal entre alma e espírito.

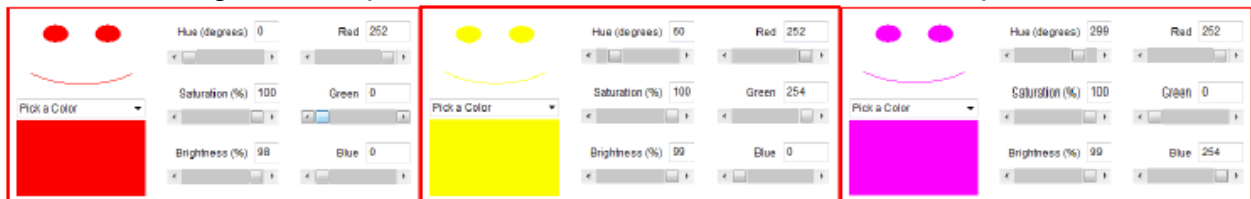
Em particular, uma mente sem tempo representa uma mente que pertence a uma pessoa sempre em atraso, que não tem consciência da realidade temporal, assim como uma mente sem espaço não tem a capacidade de ordenar os objectos no espaço, pertença, frequentemente, a sujeitos invasores dos espaços dos outros, que não têm consciência dos próprios espaços.

Uma mente completamente branca não tem ideia nem do espaço nem do tempo e é uma mente que já decidiu ficar fora da realidade virtual, uma mente que recusa as informações, que não são absorvidas mas rejeitadas, no mundo físico virtual, uma mente tendente à parte mais estúpida da new age americana que não tem os pés assentes na terra, que não sabe quanto custa um quilo de pão e que não lhe interessa nem sequer sabê-lo.

Analogamente, uma alma azul poderia ser magenta ou ciano segundo que não tenha ideia do eixo da energia ou do eixo do espaço.

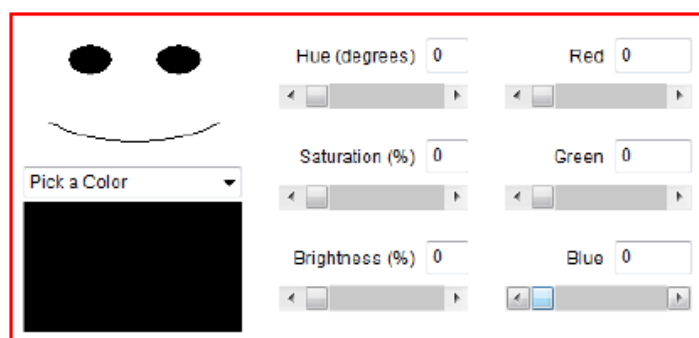


Por fim o Espírito pode passar da sua cor vermelha, ao amarelo ou ao magenta se carente de energia ou incapaz de correlacionar-se com a ideia do tempo.



Uma cor preta de mente ou de alma, ou do espírito, designa a não interferência destas componentes por falta de emissão de sinal. A ausência de alma está ligada à falta da lâmpada acesa, que deveria ser de cor azul ou de cor diferente, mas em todo o caso, de qualquer outra cor. Noutras palavras, podemos estar em presença de lâmpadas pretas ou em ausência de lâmpadas (caso de ausência da componente anímica).

Uma mente preta é, evidentemente, sinal de problemáticas ligadas a processos de esquizofrenia onde falta a capacidade de conectar o hemisfério direito com aquele esquerdo não por falta de mente (a lâmpada não estaria ali), onde nem o eixo do espaço nem aquele do tempo têm uma componente activa já que todo o sinal é absorvido. É-se portanto em presença de uma mente que absorve do externo mas não emite nenhum sinal, uma mente que não funciona, que é como se não existisse porque registra tudo mas não emite nenhum sinal de resposta.



Como se poderá notar desta interpretação do TCT de todo rigorosa e baseada sobre as componentes da cor ligadas à física das cores, uma mente não pode tomar a cor da alma ou do espírito e vice-versa. As cores de mente, espírito e alma podem modificar-se tornando-se, de qualquer modo, cores complementares do espectro, isto é, ciano, amarelo ou magenta.

Se um espírito em vez de ser vermelho aparece azul, devemos procurar-lhe a explicação de um outro lado.

Temos de facto já feito notar como espírito, por ex., pode ser vermelho, ou amarelo, ou magenta, com todas as tonalidades intermédias, mas não pode ser nem verde nem azul por falta de alguma componente própria do espírito (energia e tempo).

Tivemos contudo, podido notar como os gay, seja homens que mulheres, tenham tendência a propor um espírito azul e uma alma vermelha (muitas vezes azul e rosa). Esta interessante descoberta leva-nos a concluir sem sombra de dúvida, que o sexo nasce de dentro de nós, do espírito e da alma que se trocaram os roles ao interno do TCT. É necessário recordar nesta sede, como a alma é a representação ideica do feminino e o espírito do masculino.

Portanto, os gay teriam uma alma masculina e um espírito feminino? Pouco provável.

Mais simplesmente, alma ser-se-ia ligada ao hemisfério esquerdo em vez de àquele direito, pelo menos segundo a simples interpretação do TCT.

Nas cores da tríade, alma, mente e espírito reflectiriam psicossomaticamente os comportamentos exteriores humanos e pareceria fácil diagnosticar oportunas disfunções comportamentais com um simples TCT em vez de obrigar alguns sujeitos a encher-se de psicofármacos completamente inúteis.

Veremos em seguida como ao invés, na nossa opinião, se possa projectar uma eficaz e veloz terapia resolutive com o TCT dinâmico que exporemos de seguida.

O TCT dos abduzidos

Os abduzidos apresentam um TCT particular, cuja interpretação, se não oportunamente e sapientemente conduzida, pode efectivamente levar fora do caminho. Para evitar isso elaboramos um sistema de avaliação ligado ao estudo das alterações das cores de alma, mente e espírito presentes no teste dos abduzidos.

A nossa atenção foi atraída por um grupo nutrido de abduzidos que mostravam um TCT comum mas, caracterizado de cores completamente falsadas. Neste TCT mente era azul, espírito verde e alma vermelha.

Como já sublinhamos, alma, mente e espírito não podem mudar de cor senão assumindo o espectro das cores complementares ciano, magenta e amarelo.

Existia porém uma outra possibilidade para explicar estas particulares variações de cor de todo imprevistas.

Alma, Mente e Espírito são objectos exactos com vibrações exactas.

Mas se Alma, Mente ou Espírito fossem agarrados a parasitas, Memórias alienígenas activas, Lux ou microchip que, com a sua frequência alterassem aquela das nossas três componentes, deveríamos esperar-nos uma variação total de frequência.

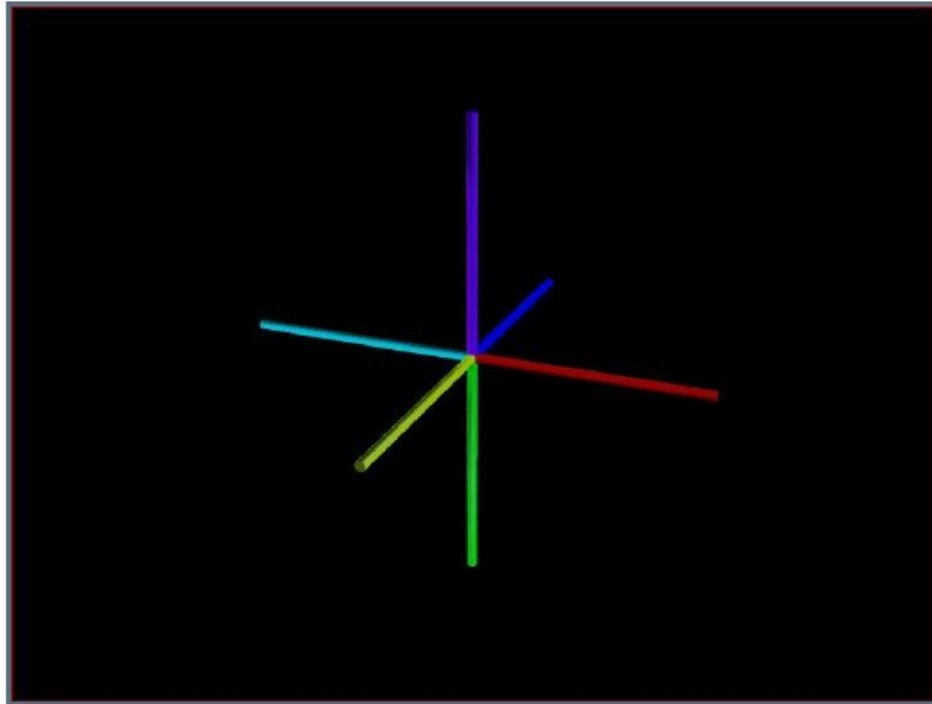
Conhecendo a frequência vibratória das cores de partida seria possível calcular a vibração do parasita engatado a uma destas componentes?

Pois bem, a resposta é positiva mas, para demonstrar isso, temos necessidade de criar uma nossa matemática com oportunos operadores geométrico-matemáticos baseados em cores e vectores cor.

O espaço das cores e os octantes do universo

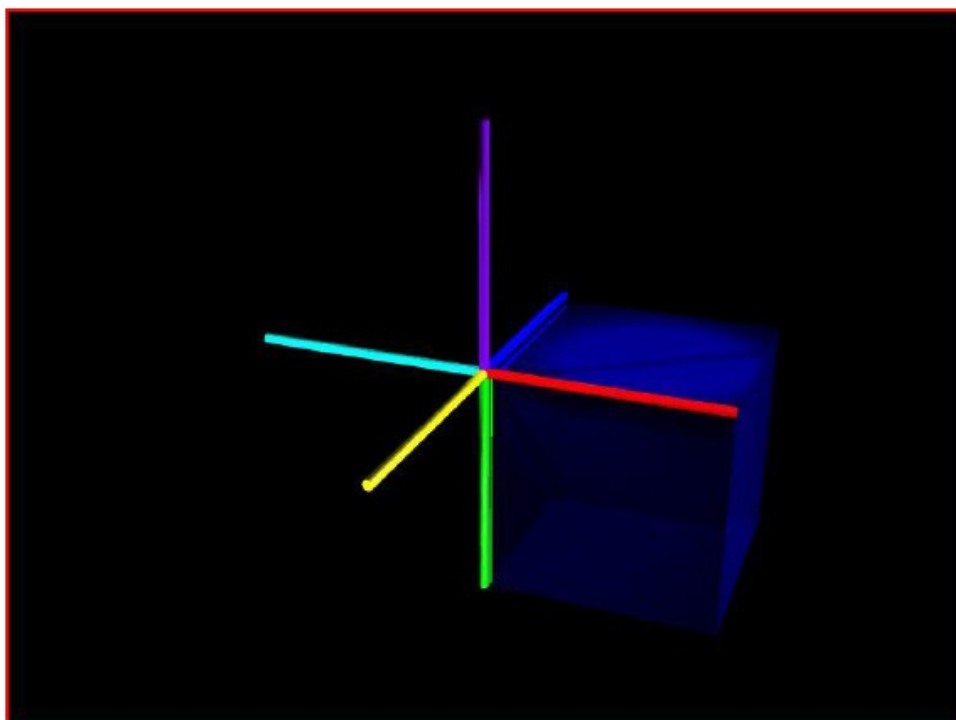
O universo das cores divide esse mesmo em oito octantes que estão ligados a seis cores fundamentais, Vermelho, Verde, Azul, Ciano, Magenta, Amarelo.

Estas cores são representadas por eixos caracterizados de outras tantas cores que dividem o espaço, o tempo e a energia em oito octantes, caracterizados por eixos positivos ou negativos de energia, espaço e tempo.



Como se pode notar neste espaço, a cor verde representa o eixo da energia, o azul aquele do tempo e o vermelho aquele do espaço, onde o magenta, o eixo das anti-energias, o ciano do anti-espaço e o amarelo do anti-tempo.

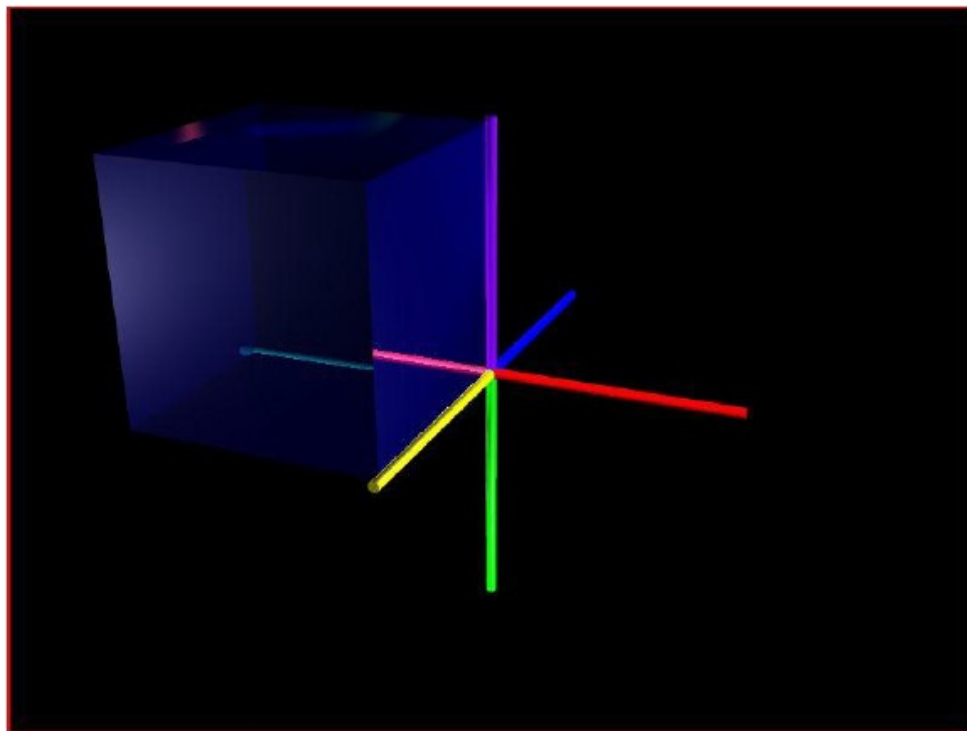
Neste contexto, a nossa parte do universo é representada por um só dos oito octantes, aquele caracterizado por uma energia negativa e espaço e tempo positivos (-++).



Por ex., o anti-universo(+--), caracterizado pela criação do Segundo Criador é, como já afirmamos precedentemente, caracterizado pelas cores complementares ao sistema RGB .

O sistema onde existe a Criação do Segundo Criador é caracterizado pelo sistema CMG (Ciano, Magenta, Amarelo). Os dois octantes são opostos e caracterizados por um ponto em comum, dito centro de inversão do universo cromático.

Este centro de inversão é o ponto de início de todas as coisas; ali habita a Consciência.



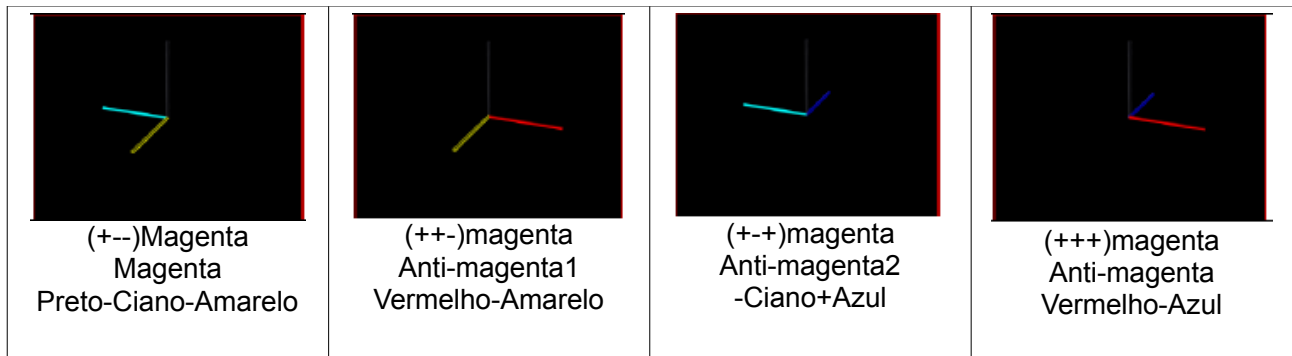
Agora definamos as cores como operadores cor que se podem obter das misturas de oportunas componentes.

Alma Azul	Mente Verde	Espírito Vermelho
Alma Segundo Criador Amarelo	Mente Segundo Criador Magenta	Espírito Segundo Criador Ciano

Nesta primeira tabela pode-se notar como as diferentes cores representam a ausência da cor a que se referem, que é representada por um eixo de cor transparente. Notar-se-há como as cores complementares sejam representadas pela imagem especular das cores base.

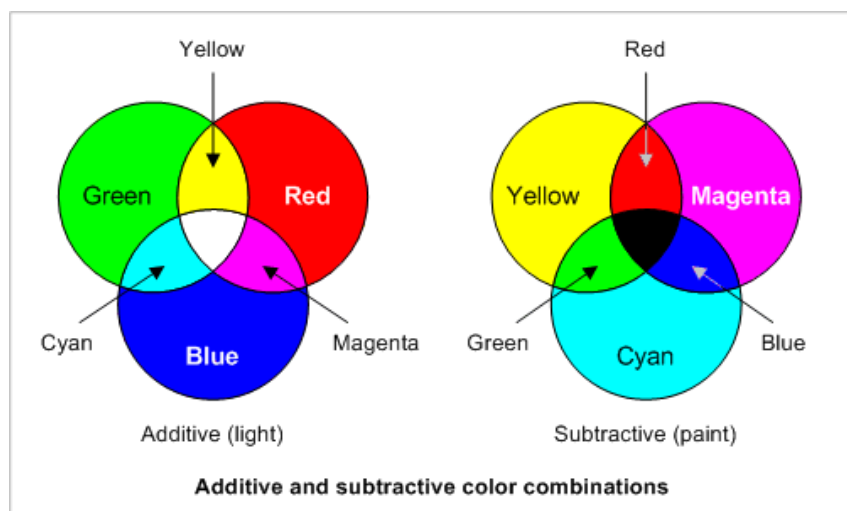
Assim, o amarelo é a imagem especular do azul, o ciano do vermelho e o magenta do verde.

As operações com as cores são aditivas ou subtractivas como se somam ou subtraem os comprimentos de onda das cores individuais. Assim, por ex., Amarelo mais Azul dá o nada assim como a matéria e a anti-matéria. Além disso, uma cor poder ser transformada numa anti-cor simplesmente deslocando um eixo cor e substituindo-o com a sua imagem especular respeito ao centro de inversão.



Como se pode notar deste exemplo, a soma “algébrica” de amarelo e vermelho dá o mesmo resultado de azul com ciano (o nome à cor lho dá sempre o eixo transparente e o octante de afiliação é expresso com os sinais + e -).

Um anti-magenta é um magenta com uma componente negativa porque um dos dois eixos cor está na direcção oposta àquela que tinha no original magenta: aquele eixo tem portanto sinal negativo. Neste sentido, os dois anti-magenta são na realidade a mesma cor, mas existem em octantes diferentes do universo.




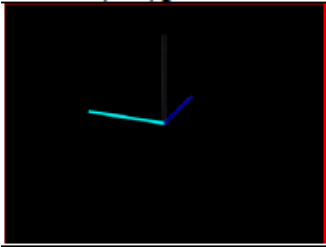
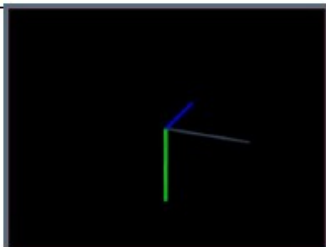
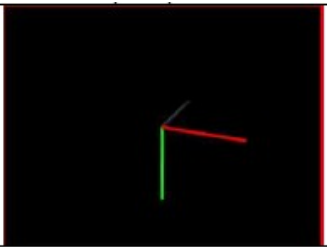
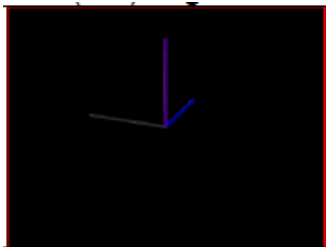
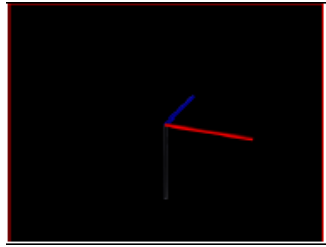


As tabelas das cores das interferência sobre os abduzidos

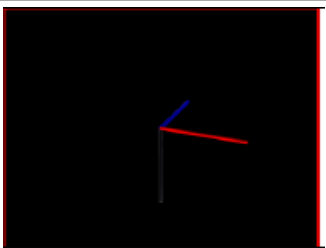
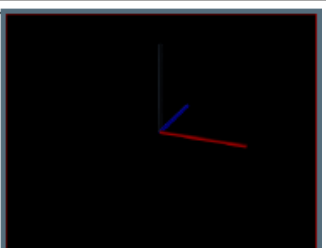
Agora que tínhamos individualizado como funcionam as operações sobre as cores e como as cores se tornem, elas mesmas, em operadores cor, podemos elaborar uma fácil tabela na qual se demonstra como Alma, Mente e Espírito possam variar de frequência e assumir cores diferentes, verificar que cores são possíveis e quais não o são e demonstrar que tipo de interferência age sobre Alma, Mente e Espírito, mesmo a nível de geometria espaço-temporal e energética, sempre em perfeito acordo com a matemática

das cores e sempre de acordo com a teoria de Kosslyn que sustém que o nosso cérebro, quando simula, na realidade age com a verdadeira matemática: verdadeira matemática que, como vimos em precedência, assume significados arquetípicos específicos, capazes de nos fornecer explicações para além da razão mas para cá da simbologia.

Tabela das cores da alma

 (-++)azul	+	 (+--)amarelo	=	0
 (-++)azul	+	 (+--)magenta	=	 (-++)vermelha
 (-++)azul	+	 (+--)ciano	=	 (-++)verde

Como se pode notar desta tabela, Alma azul pode ser parasitada por um componente anti-ciano ou anti-magenta e tornar-se assim vermelho ou verde. Pode-se também notar como uma parte anímica da primeira criação não poderá nunca unir-se a uma parte anímica da segunda criação já que as duas partes anímicas se extinguiriam como um protão com um anti-protão. Para evitar incompreensões de base sobre a matemática destes operadores cor, façamos neste sede notar, que o semi-eixo transparente identifica sempre a cor onde os sinais +/- identificam o quadrante. Ter presente que, por razões geométricas, não é possível somar duas cores que tenham em comum a mesma componente cor. Da soma das duas tríades poderemos ter dois produtos soma (um com o eixo transparente que determina uma cor e um que determina a cor oposta. Os dois produtos não poderão no entanto existir no mesmo octante e nós consideraremos só os produtos compatíveis isto é, existentes no nosso octante).

 (-++)verde	≠	 (+++magenta
Branco – Vermelho – Azul		Preto – Ciano – Amarelo

Partindo destas observações podemos construir as tabelas das cores para a tríade.

Tabela das cores do Espírito

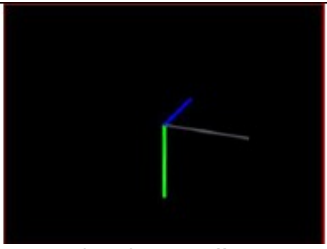
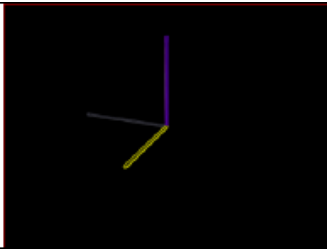
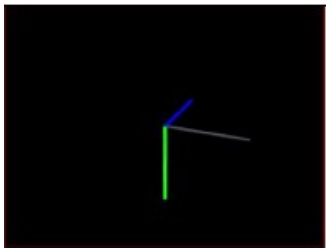

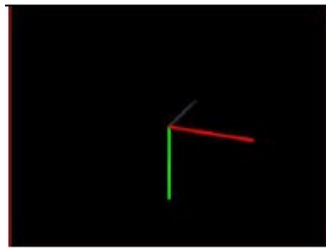
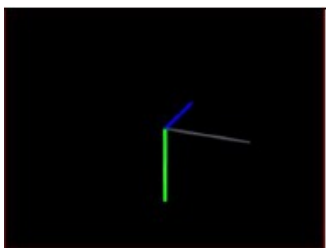
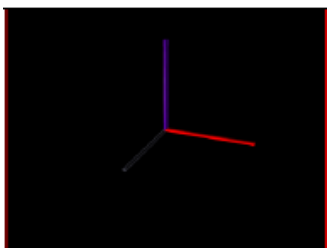
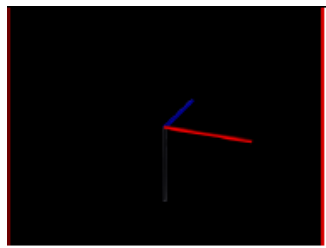
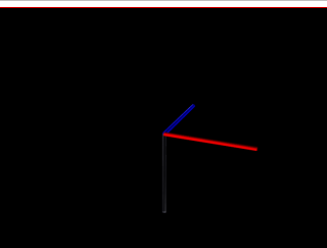

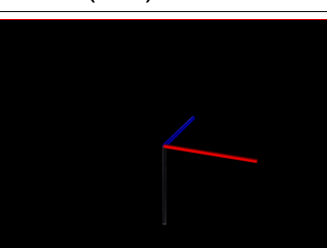
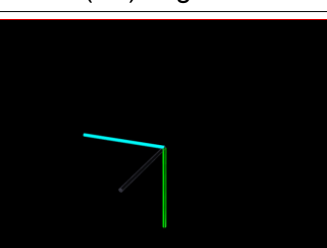
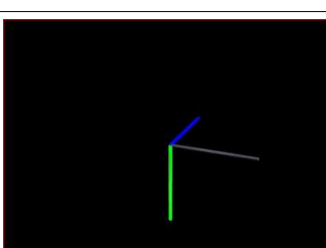
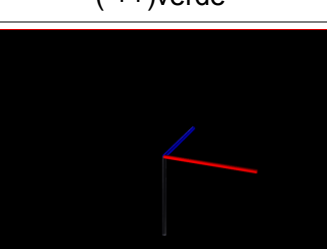
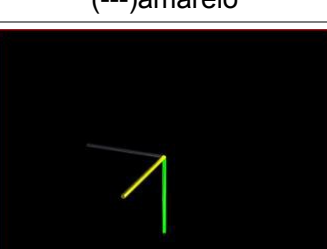
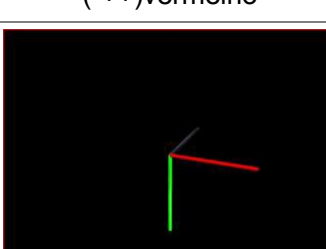
 (-++)vermelho	+	 (+--)ciano	=	0
 (-++)vermelho	+	 (++)magenta	=	 (-++)azul
 (-++)vermelho	+	 (++)anti-amarelo	=	 (-++)verde

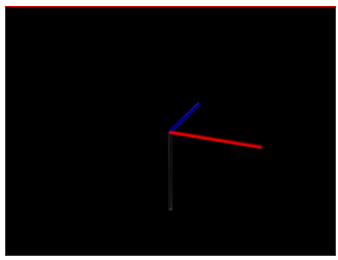
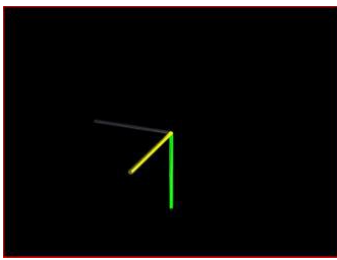
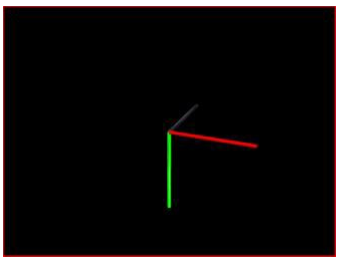
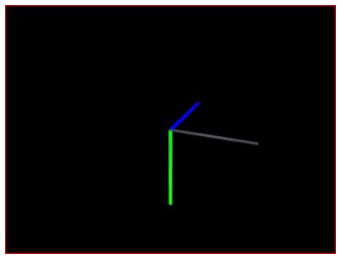
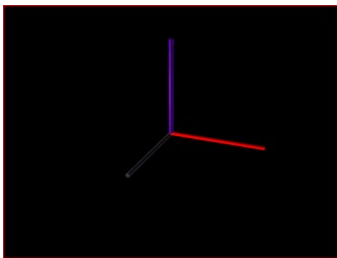
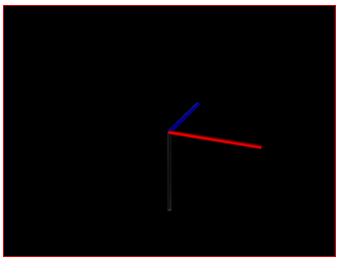
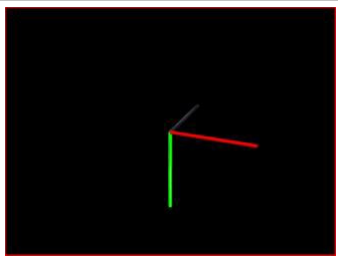
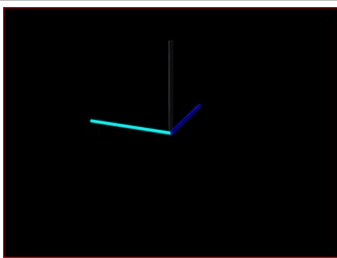
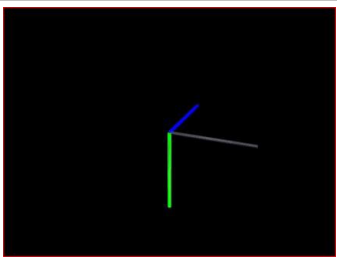
Tabela das cores da mente

 (-++)verde	+	 (+--)magenta	=	0
 (-++)verde	+	 (---)amarelo	=	 (-++)vermelho
 (-++)verde	+	 (---)ciano	=	 (-++)azul

Portanto, se destas tabelas se pode notar como as parasitagens alienígenas produzem uma mudança nas cores, onde o azul pode ficar vermelho ou verde mas nunca ciano ou amarelo, com a única exceção de alma do segundo criador que é amarela.

Interpretação das cores alteradas nos abduzidos

Com base nestes dados podemos agora explicar o que esteja por detrás daqueles testes de abduzidos que mostrem mente azul, espírito verde e alma vermelha.

		
Mente (-++)verde	(---)ciano (C2)	Mente (-++)azul
		
Espírito (-++)rosso	(++-)amarelo (Ser azul)	Espírito (-++)verde
		
Alma (-++)azul	(+-+)magenta (Hp)	Alma (-++)vermelha


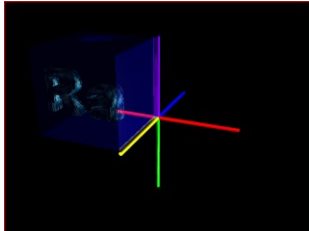
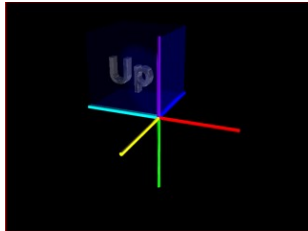
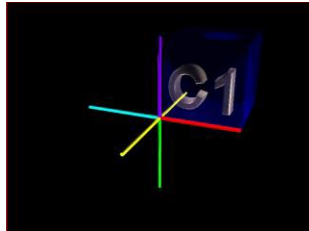
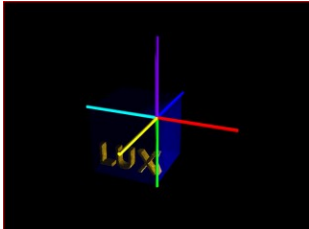
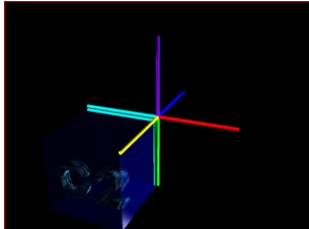
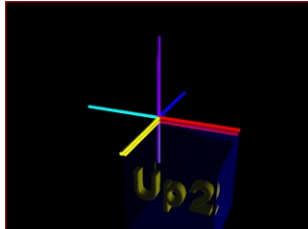
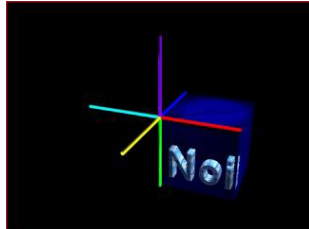
As cores das três componentes neste caso, resultam alteradas por parasitas que, tendo uma vibração diferente alteram a vibração, isto é, a cor arquetípica da tríade e dos seus componentes. Não obstante, a análise vectorial dos três componentes perturbadores das frequências das componentes da tríade, dá-nos uma ideia de qual octante contém e caracteriza as interferências em si. Das hipnoses regressivas sabemos de facto, que a Mente vem agarrada por parasitas incorpóreos representados pela cor (---)ciano. Ao Espírito agarra-se ao invés, o parasita incorpóreo Azul identificado, não por acaso, com a cor (++-)amarela. Por fim à Alma pode-se agarrar apenas o Homem Primeiro (Hp) que tem uma cor correspondente à cor (+-+)magenta.

Algumas notas explicativas de exo-parasitologia

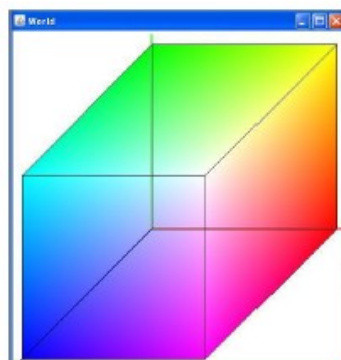
Este primeiro exemplo de tabela de correlação entre cores da tríade e tipologia de interferências, permite-nos obter ulteriores informações que venham, por assim dizer, sozinhas, isto é, surjam da geometria dos espaços colorados que descrevemos até agora. É obvio de facto que, o Universo está dividido em oito octantes e cada octante é habitado por um particular tipo de existência. A análise e a individualização dos octante está ligada

à orientação dos eixos das cores que descrevem uma das componentes coloradas do parasita (ou a componente mental ou aquela espiritual, ou anímica, exclusivamente para o homem primeiro derivante do primeiro criador Hp1). É fácil portanto, prever que se a Alma do primeiro criador é azul, essa pode directamente ser parasitada por algo que está no octante, não adjacente ao nosso, mas sempre da parte da nossa criação. Nesta óptica se provamos a descrever os oito octantes e se colocamos os homens e os alienígenas corpóreos no quinto octante (ver em baixo) podemos imediatamente atribuir ao terceiro octante, o lugar de habitação dos Hp1 e ao contrário, o eventual Homem primeiro do Segundo Criador (Hp2) poderá estar só no sexto octante. O Criador do nosso semi-universo habitará no quarto octante e as criaturas tipo Lux, por exclusão, habitarão no oitavo octante. Se as coisas estão assim, os outros octantes serão automaticamente atribuídos, sobre base da consideração que Hp2 é a representação da imagem especular de Hp1 e C1 é a imagem especular de C2. Nesta representação encontra espaço também um parasita recentemente vindo à luz que nós definimos com o nome de “Azul”, por causa da cor azul das suas emissões incorpóreas. O Azul seria uma espécie de Lux criado no entanto pelo Segundo Criador. Não por acaso ele vem definido azul de cor, onde o Lux frequentemente é amarelo (o amarelo é especularmente a cor oposta do azul através da operação geométrica “centro de inversão”).

Tabela dos octantes universais habitados

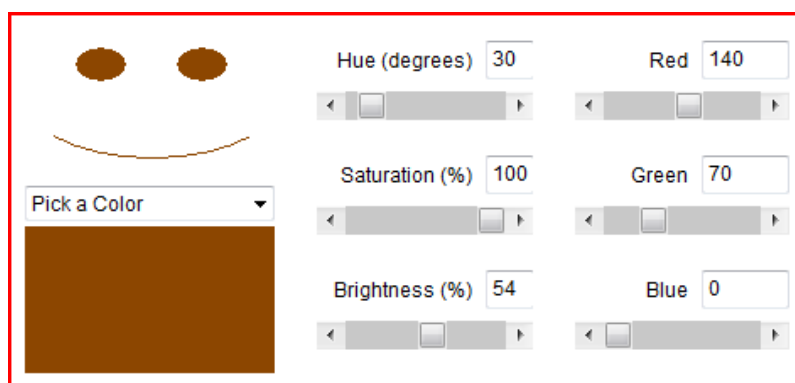
			
Primeiro octante (++-)	Segundo octante (+--)	Terceiro octante (+-+)	Quarto octante (+++)
			
Oitavo octante (--+)	Sétimo octante (---)	Sexto octante (-+-)	Quinto octante (-++)

Uma adicional verificação disto está na análise das interferências onde as cores interferentes têm a correcta direcção vectorial em perfeito acordo com esta tabela e com o cubo das cores aqui reportado em seguida. Nesta representação, o nosso octante corresponde à cor branca, de frente à qual tem, obviamente (atrás, em baixo no cubo das cores), a cor preta.



Vai ainda sublinhado como, o parasita Lux, não possa conectar-se directamente, nem à Alma nem muito menos ao Espírito, nem à Mente, já que não podem existir correlações de espécies que ocupam octantes que tenham um plano comum mas apenas correlações com octantes que tenham uma aresta ou um ponto em comum, por razões puramente geométricas. Analogamente, as Memórias Alienígenas Activas (MAA) não podem agarrar-se nem à Mente, nem ao Espírito, nem à Alma, porque pertencem ao mesmo octante. De facto, seja o Lux que as MAA agarram-se directamente ao corpo do sujeito parasitado, de acordo com quanto imergiu das diversas sessões de hipnose profunda conduzidas sobre abduzidos.

O corpo tem uma frequência de cor caracterizada arquetipicamente da cor da terra, isto é, o castanho. Vai sublinhado como este quarto elemento, depois do ar, água e fogo, possui uma frequência de emissão que não tem a componente azul, isto é, é existente mesmo sem a parte anímica. Com efeito demonstra-se, segundo a nossa chave de leitura, que existem seres humanos com e sem parte anímica. O corpo tem uma expressão cor que se classifica com o castanho.



Variações sobre uma hipotética esfera castanha introduzida no TCT estático a representar o corpo e a sucessiva análise de uma hipotética variação de cor, que se desviava do castanho pela presença de Lux ou MAA, não é de nenhuma utilidade, sendo que todos os abduzidos possuem MAA e Lux. O modelo mental complicar-se-ia inutilmente enquanto, como veremos em breve, no teste TCT Dinâmico encontrou-se o sistema de evidenciar bem e inequivocamente, seja o Lux seja a MAA.

O parcial engate de MAA ou Lux ao corpo torna-se possível pela total falta do eixo do tempo e da parcial falta do eixo do espaço e da energia. Esta análise leva a concluir que, arquetipicamente, o Lux, como ele mesmo evidencia nas hipnoses, agarra-se entre a Mente e o Espírito, isto é, engata-se à Mente e ao Espírito, mas com componentes diferentes (mais à Mente e menos ao Espírito: notar na cor castanha os contributos de verde e vermelho). Analogamente, a MAA parece engatar-se seja à Mente que ao Espírito do abduzido (mais ao Espírito que à Mente) e nas primeiras tentativas, através da hipnose regressiva profunda, de remover a MAA, algumas vezes demolia-se só um dos engates (aquele ligado ao Espírito).

Ficava um forte engate com a Mente que se explicava frequentemente, depois da hipnose, em manifestações em que o sujeito abduzido recordava cenas de memória alienígena que se descarregavam durante o dia ao interno da sua própria mente, provocando fenómenos de pseudo-desdobramento e confusão de personalidade. Se esta chave de interpretação é correcta, deve-se admitir como Lux e MAA partilhem um idêntico espaço ao interno do contentor do abduzido.

Esta chave de leitura permite-nos também colocar este novo ser Azul que de facto tinha sido notado em precedência, mesmo nos anos passados, mas que tinha sido

erradamente interpretado como uma distorcida percepção do Loiro com Cinco Dedos, por causa do seu vestuário muitas vezes constituído por um fato justo.

Por fim, da análise dos oito octantes pode-se notar, como esses se representem bem com um operador rotação, aplicado ao Universo de trás (onde nós estamos: o reino de Vishnu) e o Universo da frente (onde estão os anti-corpóreos: o reino de Shiva).

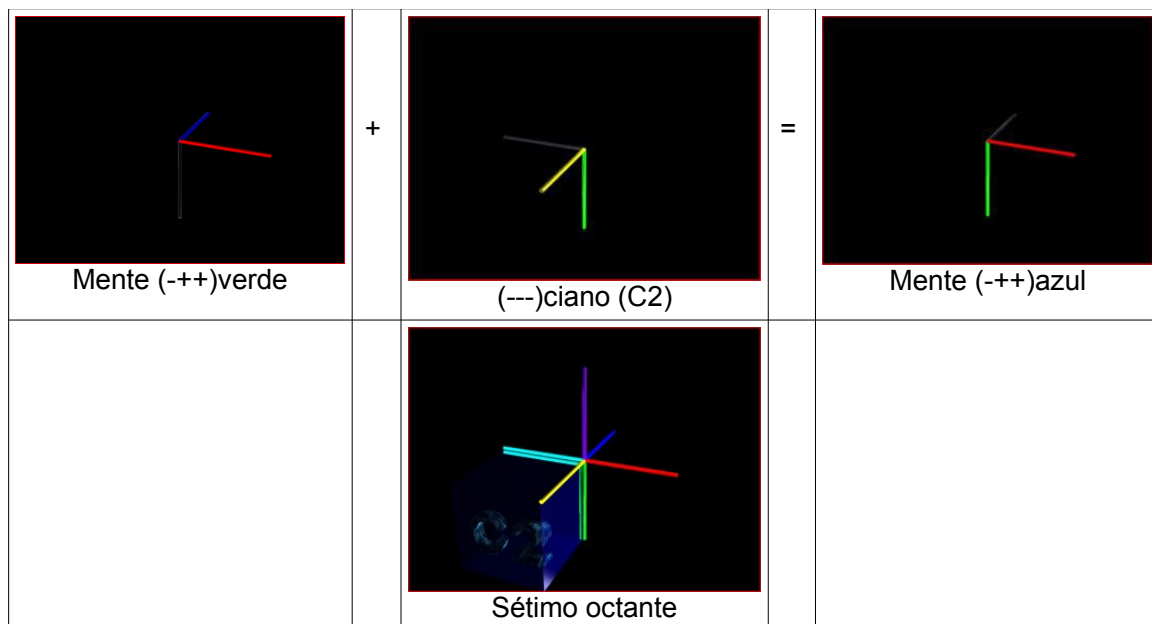
De facto, se seguirmos a roda da criação partindo de C1 passando por Hp1 e depois pelo Lux e por fim pelo Homem, fizemos um percurso dextrogiro (senso horário de rotação). Ao invés, de C2 a Hp2 ao Azul e por fim aos vários seres sem corpo (Ra, Grunhido, etc), percorremos um sentido levogiro (anti-horário), como ideicamente deve ser, sendo que as duas rotações representam, mais uma vez, uma operação de especularidade (mais correctamente, um centro de inversão).

A nota final leva-nos a sustentar que o corpo não tem, na realidade, nenhuma vibração e portanto, nenhuma cor. A cor, isto é, a vida, isto é, a vibração, em emissão e absorção, vêm-lhes fornecidos pela presença das componentes espirituais, mentais e anímicas (estas últimas não necessariamente presentes).

Alma do segundo criador.

Uma outra tipologia (constelações), a que assistimos frequentemente, é dada por uma Alma amarela, um Espírito vermelho e uma Mente azul.

A Alma amarela depende do Segundo Criador e a Mente pode ficar azul só se parasitada por qualquer coisa que habita no segundo quadrante do Segundo Criador.



Também neste contexto as variações das cores esperadas estariam de acordo com as previsões sobre a natureza da compatibilidade entre as nossas componentes e os vários parasitas (considerando C2 um parasita).

Como se pode notar, com efeito, quando Alma deriva do Primeiro ou do Segundo Criador, parece que nos encontramos frente a sistemas de parasitagem diferentes.

Na análise das cores, por fim, é de ter presente que, se deve analisar a tríade no seu contexto e não um simples elemento de cada vez, já que, só desta maneira nos asseguramos uma exacta interpretação do teste.

Bibliografia:

1. http://isites.harvard.edu/icb/icb.do?keyword=kosslynlab&pageid=icb_page250946
2. Kosslyn, S. M. and Moulton, S. T. (2009). Mental imagery and implicit memory. In: K. D. Markman, W. M. P Klein, & J. A. Suhr (Eds.), *Handbook of Imagination and Mental Simulation*, pp. 135-151. New York: Hove
3. Ganis, G., Morris, R.R., and Kosslyn, S.M. (in press). Neural processes underlying self- and other-related lies: An individual difference approach using fMRI. *Social Neuroscience*,
4. Morgan, C. J., LeSage, J. B., and Kosslyn, S. M. (in press). Types of deception revealed by individual differences in cognitive abilities. *Social Neuroscience*,
5. Moulton, S. T. & Kosslyn, S. M. (2009). Imagining predictions: mental imagery as mental emulation. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 364, 1273-1280.
6. **Pulver, Max Albert Eugene** (1944). *Die charakterologische Bedeutung der Schriftfärbung* (1st ed.). Berne: Huber
7. **Pulver, Max Albert Eugen** (1931). *Symbolik der Handschrift* (1st ed.). Zurich & Leipzig: Orell Füssli
8. **Pulver, Max Albert Eugen** (1940). *Symbolik der Handschrift*. (3rd ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
9. **Pulver, Max Albert Eugen** (1945). *Symbolik der Handschrift*. (4th ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
10. **Pulver, Max Albert Eugen** (1949). *Symbolik der Handschrift*. (5th ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
11. **Pulver, Max Albert Eugen** (1955). *Symbolik der Handschrift*. (6th ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
12. **Pulver, Max Albert Eugen** (1964). *Symbolik der Handschrift*. (7th ed.). Munich: Kindler
13. **Pulver, Max Albert Eugen** (1972). *Symbolik der Handschrift*. (New ed.). Munich: Kindler.
14. **Pulver, Max Albert Eugen** (1934). *Trieb und Verbrechen in der Handschrift. Ausdrucksbilder asozialer Persönlichkeit*. (1st ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
15. **Pulver, Max Albert Eugen** (1934). *Trieb und Verbrechen in der Handschrift. Ausdrucksbilder asozialer Persönlichkeit*. (2nd ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
16. **Pulver, Max Albert Eugen** (1948). *Trieb und Verbrechen in der Handschrift. Ausdrucksbilder asozialer Persönlichkeit*. (5th Revised German ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
17. **Pulver, Max Albert Eugen** (1934). *Verbrechen in der Schrift*. Zurich/Leipzig: Orell Füssli
18. **Pulver, Max Albert Eugen** (1942). *Auf Spuren des Menschen*. (1st ed.). Zurich/Leipzig: Orell Füssli
19. Füssli
20. **Pulver, Max Albert Eugen** (1944). *Person, Charakter, Schicksal* (1st ed.). Zurich: Orell Füssli
21. **Pulver, Max Albert Eugen** (1948 (? 1949)). *Person, Charakter, Schicksal* (2nd ed.). Zurich: Orell Füssli
22. **Pulver, Max Albert Eugen** (1949). *Intelligenz im Schriftausdruck: eine Studie* (1st ed.). Zurich: Orell Füssli
23. **Pulver, Max Albert Eugen** (1949). *Der Intelligenzausdruck in der Handschrift* (1st ed.). Zurich: Orell Füssli
24. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: ? (1952). *El impulso y el crimen en la escritura: retratos característicos de personalidades asociales*. (1st Spanish Edition (5th German Edition) ed.). Madrid: Victoriano Suarez.
25. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Margurite Schmid, Maurice Delamain (1953). *Le symbolisme de l'écriture*. (1st French ed.). Paris: Stock.
26. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Margurite Schmid, Maurice Delamain (1971). *Le symbolisme de l'écriture*. Paris: Stock.
27. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Margurite Schmid, Maurice Delamain (1975). *Le symbolisme de l'écriture*. Paris: Stock.
28. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Margurite Schmid, Maurice Delamain (1991). *Le symbolisme de l'écriture*. (New ed.). Paris: Stock.
29. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator:Unknown (1953). *El simbolismo de la escritura* (1st Spanish ed.). Madrid: Victoriano Suarez.
30. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Unknown (1961). *La inteligencia en la expresion de la escritura*. (1st Spanish Edition (1st German Edition) ed.). Madrid: Victoriano Suarez.
31. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: SAGITTARIO Bianca (1983). *La simbologia della scrittura*. (1st Italian ed.). Turin: Boringhieri.
32. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Ian Sterling, Monique Stirling (1994). *The Symbolism of Handwriting* (1st English ed.). London: Scriptor Books (BAoG).
33. **Pulver, Max Albert Eugen**; Translator: Felix Klein (1994). *Max Pulver's Symbolism in Handwriting*. (Condensed ed.). New York: Scriptor.
34. **Pulver, P**; Translator:Unknown (1931). *L'écriture et le subconscient: psychanalyse et graphologie*. Paris.

TCT Dinâmico

Introdução

A ideia de usar as cores nas terapias psicológicas é velha como o mundo.

A cor cura segundo a cromo-terapia, mas também muda o carácter, como demonstram recentes observações efectuadas em âmbito psicológico

(<http://www.barbazzagarden.it/spip.php?article51>).

Observar uma cor altera-te o humor e de consequência pode-te adoecer ou pode-te curar segundo a ideia que a psique e o soma sejam intimamente ligados entre eles, como recentemente reportado em alguns artigos na web

(<http://www.assobenessere.it/details.asp?id=21>).

A cor representa a personalidade inconsciente, o eu profundo, o Si mesmo, a Consciência (http://www.videomed.it/il_colore_della_personalita.html). Não se deve acreditar que

estes estudos estejam ligados a ambientes exclusivamente new ageianos, mas também académicos (A Quantitative Study on Chromotherapy. Tazzayyan Yousaf, Samina (2007) *A Quantitative Study on Chromotherapy*. PhD thesis, University of Balochistan, Quetta) (A Critical Analysis of Chromotherapy and Its Scientific Evolution: Samina T. Yousuf Azeemi and Mohsin Raza

Department of Physics, University of Balochistan, Quetta, Pakistan).

Segundo estes últimos autores, a cromo-terapia é um método de tratamento que utiliza o espectro visível (cores) da radiação electromagnética para curar as doenças. Tudo isto representa um conceito secular, utilizado com sucesso no decurso dos anos para curar as várias doenças. Os pesquisadores paquistaneses empreenderam uma análise crítica da cromo-terapia e documentado a sua evolução científica até hoje. Até agora, poucos investigadores procuraram os princípios base, mas sem empreender um estudo quotidiano. Muito material publicado pode ser encontrado sobre este tema que representa um sistema completo de tratamentos baseado sobre metodologias de tratamento com as características curativas das cores. Uma serie de estudos elaboraram a relação entre o corpo humano e as cores. *“No nosso trabalho”* sustêm os investigadores, *“demonstramos também a possibilidade de efectuar diversas pesquisas em cromo-terapia que, parece capaz de decifrar com a mecânica quântica, o momento de dipolo da molécula de água. O momento dipolar, a seguir à absorção de diversas cores, produziria fenómenos de quantização da carga. Esta visão das coisas mostra que o desenvolvimento da ciência no campo da radiação electromagnética pode ser muito útil para descobrir rostos novos desta velha teoria”*.

<http://downloads.hindawi.com/journals/ecam/2005/254639.pdf>, (vedi bibliografia 1-23).

A observação interessante que daqui se pode tirar é que, a cor pode curar ou adoecer, essa é capaz de mudar o estado psicossomático do sujeito que vem submetido à radiação visível.

Mas como é possível tudo isto?

Se isto fosse possível então poderíamos projectar um TCT dinâmico e “curar” as pessoas fazendo-lhe, mentalmente, variar as cores que resultam inadequadas ou inapropriadas das três esferas de alma, mente e espírito?

Os arquétipos do sistema RGB

Que as três cores escolhidas para a normalidade psíquica sejam representadas do sistema RGB, derivava de uma massiva aplicação de um outro nosso teste, o Simbad, em que se fazia entrar Alma, Mente e Espírito que eram vestidos sempre com determinadas cores preferenciais.

Da análise de centenas de Simbad foi possível notar que os sujeitos postos em exame tinham uma pronunciada predilecção por o sistema Alma, Mente, Espírito do tipo Azul, Vermelho, Verde. Não nos tinha fugido que estas cores representam arquetipicamente os

sinais de Ar, Fogo e 'Água que correspondiam, olhem só, aos elementos da tríade, desde os tempos mais antigos.

Additive Color Mixing (RGB Color)			Subtractive Color Mixing (CMYK Color)		
Red + Green	→	Yellow	Cyan + Magenta	→	Blue
Green + Blue	→	Cyan	Magenta + Yellow	→	Red
Blue + Red	→	Magenta	Yellow + Cyan	→	Green
Red + Green + Blue	→	White	Cyan + Magenta + Yellow	→	Black



Descobria-se assim que estas cores tinham um eficaz efeito arquétípico comunicativo. Isto é, eram a encarnação do símbolo da tríade.

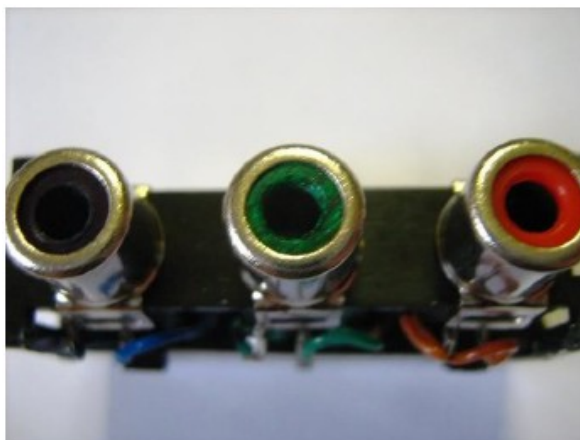
Um rápido exame deste conceito pode ser efectuado à volta de nós, a partir das fábulas e acabando na ciência moderna. A fábula, por ex., é a representação de um mito. O mito é uma imagem da história fora do espaço e do tempo. Assim, por ex., não terá fugido a ninguém que no filme “A bela adormecida no bosque” de Disney, as três fadinhas que protegem a princesa estão vestidas com as cores RGB.



E são sempre postas numa ordem exacta, que vai do azul ao vermelho da esquerda para a direita, seguindo a mesma ordem do espectro das emissões da cor visível. As três fadinhas no filme, ideicamente representam de facto, a tríade da princesa que a Bruxa (de cor preta), que representa o demónio, o alienígena da segunda criação, quer ter em animação suspensa. A princesa, de facto, não pode morrer porque se perderia o contentor da tríade e sobretudo a parte anímica que a Bruxa quer ter para si. O dedo da princesa é picado pelo fuso envenenado. Também neste caso o arquétipo do “picar” segundo os estudos de Mario Pincherle, é representativo da criação de um “sulco”. Um sulco que divide a tríade e a rende incapaz de se rebelar à Bruxa-Alienígena.

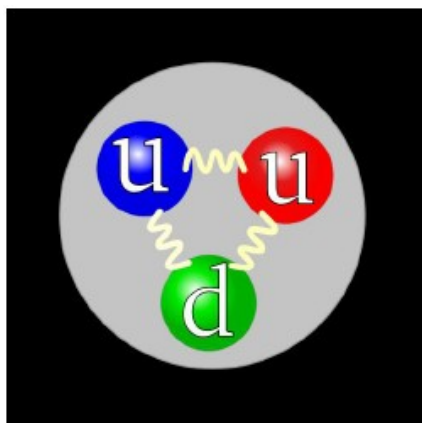
<http://www.altrogiornale.org/comment.php?comment.news.942> –

Tocará neste caso ao Príncipe, que encarna o Espírito, a parte masculina do Ser, libertar a princesa que representa a Alma. A libertação vem efectuada através da simbologia do beijo, onde o hálito de um (anemos) entra no outro e lhe vem re-doadado. Assim, as três vias por excelência em electrónica são definidas por três conectores, azul, verde e vermelho, sempre na mesma ordem.



Parece mesmo que o Homem conheça três aspectos da natureza e inconscientemente construa tudo sobre este arquétipo fundamental.

A matéria é feita de quark e estes são de três tipos, isto é, três cores. Por ex., um protão é constituído por três destes quark, dois, ditos up e um, dito down, que no entanto, são traçados com três cores diferentes e são, mais uma vez, um Azul, um Verde e um Vermelho.



A gente acreditava verdadeiramente que existissem três tipos de seres vivos: aqueles com o sangue azul, os nobres, aqueles com o sangue vermelho, todos os outros e aqueles com sangue verde, os marcianos.

E mais uma vez, a distinção das cores distingue, inconscientemente, quem é anímico ou quem quereria sê-lo, com a cor da nobreza, isto é, a cor de poucos, dos eleitos, os comuns mortais que têm só espírito, e que portanto são vermelhos, e os outros que são verdes.

O uso das cores RGB em Psicologia

Renato Cocchi, médico neurologista e psicólogo, tem uma interessante teoria, segundo a qual *“um certo número de comportamentos cognitivos incongruentes, normais ou patológicos, possa ser devido a uma dominação hemisférica imperfeita, temporal, estável ou estabilizada(r) Em sustenho foram apresentados dados de comum evidência como o mirror reading, writing e speaking, a fase do NÃO no desenvolvimento da primeira infância, a oposição e a maior presença de esquerdismo nos sujeitos com insuficiência mental, ou cerebropatia infantil, a oposição durante a fase do desenvolvimento do adolescente, o pensamento janusiano, o carácter do “contra”, o negativismo em certas*

psicoses, a prescrição paradoxal, o comportamento “desassociado” do toxicodependente, alguns dados experimentais sobre a concordância dos digit span verbal e visivo-motórios nos sujeitos dementes ou alcoolizados, as respostas de oposição às Matrizes Progressivas de Raven em dementes, alcoolizados e sujeitos normais, o mirror focus, na epilepsia.” Em palavras mais simples, Cocchi sustém que, dos dois hemisférios, um seja dominante, o esquerdo. Sabe-se ao certo que o hemisfério dominante responde às solicitações alguns milésimos de segundo antes do outro. Desta observação poderia-se especular que os dois hemisférios fossem em concorrência entre eles e que as respostas que tendem a dar sejam especulares. Se o hemisfério direito tende a dizer sim, o esquerdo tenderia a dizer não. A resposta correcta é sempre confiada ao dominante que sufocaria assim os impulsos do outro hemisfério que não conseguiria exprimir-se a tempo. Mas, em alguns sujeitos, poderia-se criar uma alternância da dominação dos dois hemisférios. Isto faria com que o sujeito fornecesse a resposta especular àquela correcta, isto é, aquela errada, porque simplesmente o hemisfério geralmente não dominante tomaria algumas vezes a predominância sobre o outro.

Mas, como estabelecer qual dos dois hemisférios domina? Para um aprofundada leitura dos trabalhos de Cocchi aconselhamos os seus artigos (<http://www.reversebrain.net/Domin1-it.htm>), mas a coisa que nos atraiu dos trabalhos deste psicólogo foi o teste que inventou para estabelecer se um sujeito seja normal ou esquizóide.

Mas, façamos descrever ao próprio autor o seu experimento: *“Na coexistência do oposto, em relação a cada estímulo perceptivo, existe um famoso experimento neuropsicológico, nunca explicado de maneira satisfatória. Se se fixa por alguns minutos uma superfície vermelha e depois se desvia o olhar sobre uma superfície branca, por uma fracção de segundos vê-se a cor verde (verde é o complementar, quer dizer o oposto, do vermelho). Se se assume como verdadeiro o ponto de vista da coexistência do oposto, pode-se supor que o hemisfério dominante veja correctamente o vermelho. O hemisfério não dominante perceberia o estímulo vermelho como verde, mas este fenómeno vem habitualmente suprimido. Se se desloca o olhar sobre o branco (que corresponde à ausência de cor), o hemisfério dominante adapta-se logo. Aquele não dominante, que é mais lento na elaboração dos estímulos, deixa perceber por uma fracção de segundo a sua imagem resídua (o verde). Esta vem dada como pertencendo à superfície secundária, branco, enquanto é ainda o produto do oposto do estímulo devido à cor da superfície vermelha. O hemisfério não dominante é também o hemisfério em que, de prevalência, são elaborados os estímulos emotivos (Gainotti, 1983; Wittling e Roschmann, 1993). É possível que os sujeitos hiper-emotivos (o que muitas vezes coincide com os indivíduos “nevróticos”) tenham uma hiperfunção das áreas ou estruturas ou funções do hemisfério não dominante? A este propósito refiro um teste por mim habitualmente usado. Se se pedisse a um sujeito hiperemotivo de responder rápido, sem pensar, a uma pergunta (Qual é o contrário do vermelho?), não poucos deles responderiam: verde. Perguntado o porquê da resposta, não sabem dizer o porquê. Os depressivos verdadeiros responderiam na maioria: preto (que é, em vez disso, o contrário do branco)”*

Se, por um lado, este trabalho tem bases teóricas completamente erradas, já que o vermelho não tem nada a ver com o contrário de verde, enquanto o preto é efectivamente o oposto do branco, por outro lado, o teste produz diferenças nas respostas. Tais diferenças que, na nossa opinião, não são devidas às causas expressas nos artigos do autor mas a outras coisas, demonstram-nos como é possível usar as cores para identificar estados de alteração mental. Os dois hemisférios depois, não estão em antítese um com o outro, mas percebem duas partes diferentes da mesma realidade, acreditando de perceber-lhe a totalidade.

Se a pergunta, qual é a cor oposta ao vermelho, é posta a um sujeito sem parte anímica, eis que responderá que a cor é verde, isto é a cor da sua única parte. Se por outro lado,

se faz a um sujeito anímico a mesma pergunta, ele responderá azul, indicando como, ao oposto de espírito, arquetipicamente tem alma. Deste ponto de vista, se o sujeito é esquizofrénico não anímico, responderá que o contrário de vermelho é preto, porque aquela é a cor da sua mente, como resulta do TCT estático. Se se analisam as tabelas reportadas por este autor, individualiza-se exactamente o contexto em que, a errada interpretação do teste segundo Cocchi, se torna facilmente interpretável, segundo nós. Na realidade, não é nem sequer verdade que os dois hemisférios respondam em tempos diferentes porque um seja dominante e o outro sub-dominante. Eles respondem em tempos diferentes se e quando não estão de acordo com a resposta.

Sobre esta base pode-se estabelecer, com uma pseudo-máquina, a verdade, quando um sujeito diz uma mentira. O lobo esquerdo diz a mentira e o direito contesta-lha por causa da sua estrutura incapaz de dizer coisas que retém não verdadeiras.

A Universidade de Pádua, Departamento de Psicologia Geral, está conduzindo, em colaboração com a Universidade de Seattle, uma pesquisa sobre as características da lembrança de sujeitos que referem ter tido experiências com alienígenas.

O professor Giuseppe Sartori encontra-se a ter que administrar um teste de memória autobiográfica cuja descrição técnica pode ser visionada no seguinte sito:

<http://aiat.psy.unipd.it/>.

O teste prevê a medição de atrasos nas respostas dadas com a mão direita ou a esquerda que estão ligadas aos respectivos hemisférios opostos.

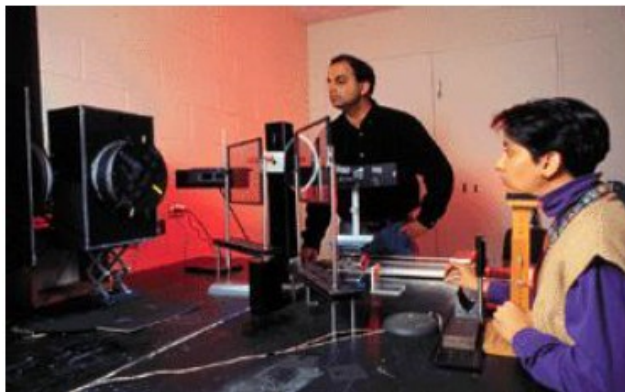
Com esta técnica deseja-se, nesta sede, estudar também os abduzidos italianos para, evidentemente, encontrar eventuais anomalias no sistema verdadeiro-falso.

Vai sublinhado como, o velho sistema de chunk da PNL funcione muito bem também sem usar o computador, onde com os braços abertos se pede ao sujeito de procurar resistir ao examinador que, enquanto faz uma pergunta à qual se deve responder afirmativamente ou negativamente, procura fechar-lhe os braços. Depois de algumas perguntas de controlo do tipo: Chamas-te José? Tens quarenta anos? Pergunta-se-lhe: foste tomado pelos alienígenas?

Neste contexto, enquanto nos casos de resposta exacta o sujeito consegue resistir à força do examinador, que não consegue fechar-lhe os braços, na última pergunta o lobo esquerdo responderá não, mas o direito não estará de acordo. Se criará um *delay* nas respostas musculares do sujeito e o braço ligado ao hemisfério não dominante não responderá ao esforço muscular, cedendo clamorosamente.

Além disso, é necessário, nesta sede, assinalar que, a ver as cores não é o olho mas o cérebro.

Parecer estar demonstrado que existem neurónios que reconhecem o azul, o verde e o vermelho ao interno no córtex cerebral.



Os dois psicólogos da Cornell Romi Nijhaewan e Beena Khurana testaram o aparelho óptico usado para investigar a decomposição das cores "*motion extrapolation*." Os experimentos mostram que a cor se forma no córtex cerebral e não na retina. <http://www.news.cornell.edu/chronicle/97/4.10.97/colors.htm> I. O olho humano seria capaz apenas de receber informações do externo, mas a discernir e a mostrar as cores no seu significado, seriam neurónios

específicos. Tudo isto nos faz pensar que a cor vem percebida como um *template* do cérebro humano e depois interpretado de maneira arquetípica. Isto demonstraria a presença de uma relação forte entre a cor percebida e o símbolo mas também entre o símbolo e a cor produzida ao interno de uma simulação mental.

Portanto, seria lícito pensar que se uma cor produz uma alteração do soma, e das suas percepções, então seria lícito supor que uma cor só pensada e produzida ao interno de uma simulação mental poderia produzir alterações, não só da percepção, mas, alterações das condições de saúde do sujeito submetido ao experimento.

O Triade Color Teste Dinâmico (TCTD)



Com base nestes dados e com base nos resultados obtidos com o TCT pensámos de poder trabalhar sobre um TCT dinâmico, isto é, um teste de cores simulado na mente, que fosse guiado a modificar a situação das cores percebidas e portanto, a situação real do mapa do território percebido pelo sujeito que se prestava à realização do teste.

Noutras palavras, se um sujeito tem uma mente preta, se se guia de qualquer maneira a fazê-la ficar verde, o sujeito ficaria curado da sua esquizofrenia?

No fundo, nós sustentamos com Jung, que aquilo que acontece na cabeça não é menos real que aquilo que acontece fora. Começamos a aplicar um modelo dinâmico ao teste das cores das esferas, sobre sujeitos com problemáticas psico-analíticas, até graves, e notámos fortes melhorias na sua condição psíquica.

Deste ponto para a frente, avaliamos a possibilidade de efectuar um teste dinâmico sobre os abduzidos, para verificar se arquetipicamente, eles pudessem eliminar parasitas, alienígenas e microchip, deslocando dinamicamente as esferas coloridas ao interno da sua mente e convencendo tais esferas a modificar a sua cor, isto é, a sua emissão, a sua frequência vibratória.

Os resultados obtidos são muito encorajadores e permitiram-nos de libertar sujeitos dificilmente hipnotizáveis e difíceis de conduzir através de uma *flash simulation*, ao resultado final de libertação total.

O procedimento que estamos para expor produz óptimos resultados sobre abduzidos, sobre simples parasitados e sobre pessoas com problemáticas paranóicas de vária natureza, esquizofrenia compreendida. O procedimento dura mais ou menos 15 minutos e pode ser moldado de maneira tal a deixar entrar, se se quiser, durante o procedimento de simulação, o sujeito num estado hipnótico, ou então simplesmente deixá-lo conversar com a própria parte anímica, espiritual ou mental.

Neste procedimento não é nem sequer essencial que o sujeito, abduzido ou não abduzido, recorde as origens do seu trauma, reviva as experiências traumáticas de que, a nível consciente, poderia não tomar nunca consciência.

O sistema, de facto, trabalha só de maneira arquetípica sobre os ideogramas da cor e da posição espacial, não indo interferir a nível consciente, a menos que o não se queira, evitando, por um lado, o trauma das lembranças da experiência, e por outro, operando com “linguagem de máquina” sem que o sujeito nem sequer se aperceba completamente do que na realidade acontece às componentes da sua tríade.

No final do procedimento o sujeito aparece curado da sua psicose ou libertado dos parasitas alienígenas.

O procedimento é completamente independente da técnica de hipnose ou da PNL e pode efectivamente ser efectuada por qualquer um que tenha um mínimo de consciência de si.

Parte experimental

A primeira parte do teste refere-se ao TCT estático:

Pede-se ao sujeito de se imaginar na mente um aposento redondo e completamente escuro onde ele está ao centro do dito cujo aposento. Não se vê nada mas sabe-se que aí estão três lâmpadas esféricas que se acenderão a uma nossa ordem. Pede-se ao sujeito de memorizar os parâmetros das três lâmpadas que são: cor, tamanho, distância do pavimento, posição à volta do sujeito, luminosidade das esferas, material de que são feitas, etc. Sublinha-se, antes de iniciar o experimento, que as esferas, quando se iluminarão, poderão ser de todas as cores inclusive o preto. Neste último caso, mesmo quando as esferas estarão acendidas não são visíveis porque o preto num aposento preto não é visível.

A lâmpada preta tem diversos significados se presente no TCT. A lâmpada pode ser preta porque absorve todas as radiações, mas também pode ser não existente, no caso, por ex., de uma ausência de alma, a correspondente lâmpada não se acenderá porque não presente no aposento escuro.

Pede-se ao sujeito de acender primeiro a lâmpada de mente, depois aquela de espírito, depois aquela de alma. Não mudar a ordem de acendimento. A lâmpada de alma deve ser sempre a última a acender-se já que, em ausência dela, o sujeito se encontraria em dificuldade para continuar o exercício. Se ao contrário, o sujeito não anímico procura acender uma lâmpada que não está ali no final do exercício, pode sempre pensar que seja de cor preta e tenderá a não dramatizar demasiado sobre a ausência de uma componente da tríade.

A este ponto pede-se ao sujeito de memorizar mentalmente os dados pedidos. Pedir-se há ao sujeito de unir as três lâmpadas e observar o resultado final em termos de tamanho, posição, cor e luminosidade.

Pede-se ao sujeito de re-separar as lâmpadas, fazendo-lhe assumir a posição que tinham em precedência.

A este ponto faz-se sair o sujeito da simulação do TCT estático e analisam-se os dados.

Pede-se ao sujeito de falar daquilo que quiser enquanto rapidamente com o dados expressos anteriormente se procura inferir o estado de saúde da tríade e a eventual presença-ausência de parasitagens que alteram a cor das esferas.

TCT Dinâmico:

Pede-se ao sujeito de reentrar mentalmente dentro do aposento das esferas.

Diz-se-lhe que se contará até três e quando o número três terá sido pronunciado, se houver mais lâmpadas que antes não foram chamadas ao acendimento, outras lâmpadas fora da tríade, essas se acenderão agora.

Depois de ter contado até três acendem-se as lâmpadas que correspondem ideicamente à presença no quarto escuro de: Memórias alienígenas activas, Lux, alienígenas sem corpo e outras lâmpadas mais pequenas que representem os vários microchip que o

sujeito tem no corpo.

Vai sublinhado como o alienígena sem corpo poderia não ser visível a este nível já que, aparece sempre como uma lâmpada preta. Algumas vezes no entanto, esta lâmpada preta resulta contudo, detectada pelo sujeito que se está submetendo ao teste dinâmico. Faz-se notar ao sujeito que estas lâmpadas não são coisa sua e que devem ser eliminadas. Pede-se-lhe de iniciar o procedimento de eliminação inserindo um braço na lâmpada de alma. Pedir-se-lhe-há de descrever as eventuais sensações cenestésicas que este tipo de situação provoca nele. O engate às âncoras cenestésicas é importante porque, quando o braço do sujeito é dentro da esfera de alma o contacto arquetípico com o hemisfério correspondente é mais forte.

A escolha do braço a introduzir na esfera, se direito ou esquerdo, não é casual.

Essa depende da posição que a lâmpada que representa alma assume ao interno do quarto escuro. Se a lâmpada é à esquerda, se introduzirá o braço esquerdo, mas se a lâmpada é ao centro ou à direita introduzir-se-há o braço direito.

Se dirá depois ao sujeito que alma é incompatível energeticamente com as outras lâmpadas e que basta tocar as outras lâmpadas com a esfera de alma que estas explodirão, desaparecerão, serão consumidas. Dizer-se-há que a lâmpada de alma se comportará como uma grande borracha de safar que eliminará as outras lâmpadas e se pedirá ao sujeito que tem o braço dentro da lâmpada de deslocar a lâmpada de maneira a que ela toque as outras lâmpadas. Começar-se-há sempre das lâmpadas mais volumosas e luminosas que normalmente representam a MAA e o Lux. Com oportunas sugestões visivo-cenestésicas encorajar-se-há o sujeito a eliminar as várias esferas uma a uma. Nesta fase, a esfera do Lux desloca-se no aposento, que é a representação do corpo. Assim, mesmo quando se elimina a esfera da MAA, poder-se-hão ter sensações auditivas e visuais da própria MAA mas é conveniente não insistir nestes aspectos da simulação a não ser que não se queira examinar o conteúdo das MAA ou falar com o Lux.

Retemos que a este nível não sirva perder tempo com estes particulares. Depois de ter eliminado as lâmpadas dos parasitas, continua-se a eliminar as lâmpadas mais pequenas que se posicionam respeito à tríade, em posições bem precisas. Pedir-se-há ao sujeito de perceber, cada vez que a lâmpada de alma se engata a uma lâmpada que representa um microchip, uma zona no corpo, que fornecerá uma sensação de qualquer tipo. O sujeito não sabe que estas lâmpadas correspondem a microchip posicionados no próprio corpo mas, inevitavelmente, perceberá sensações corpóreas cenestésicas correspondentes à localização dos vários microchip. Com este sistema poder-se-há controlar não só a posição destes objectos mas saber exactamente quais e quantos são, com este sistema, eliminados. Quando no aposento escuro ficam acesas apenas as lâmpadas da tríade, então pedir-se-há ao sujeito, ao nosso sinal, de acender a luz do quarto. Uma luz branca que porá em ressalto eventuais lâmpadas pretas que até a este momento não se tinham podido mostrar.

Normalmente conta-se até três e diz-se ao sujeito de acender uma luz branca ao número três. Arquetipicamente, esta operação rende visível tudo o que pertence à segunda criação, a partir dos vários parasitas até chegar ao segundo Homem primeiro. Neste contexto, normalmente, torna-se imediatamente visível o parasita dos Seis Dedos ou Horus, quando presentes, acompanhados por outras pequenas lâmpadas pretas, cuja posição nos faz entender como estas lâmpadas correspondam a microchip de natureza etérea, controlados destes últimos parasitas. Vai sublinhado como os vários parasitas da segunda criação não têm corpo e constroem microchip que não são sólidos. Alguém poderia usar o termo etéreos, mas poderemos dizer que são caracterizados por frequências vibratórias fora da nossa percepção. Se pedirá à alma de eliminar, como fizemos anteriormente, também as várias manchas pretas presentes no aposento branco, partindo sempre das maiores e invasoras e terminando com aquelas mais pequenas. Algumas vezes, a mancha ou lâmpada preta, corresponde ao parasita da Segunda

Criação, mostra-se como um buraco no muro do quarto. Nesse caso, pede-se à alma de ajustar a parede do aposento.

Quando não houver mais lâmpadas estranhas a eliminar, pede-se de observar a cor das três lâmpadas da tríade e se notará que essas mudaram vistosamente de cor.

Se pedirá à tríade de unir-se numa única lâmpada, sublinhando que as três consciências se tornam uma só, correspondente a uma única cor, sem manchas. O sujeito normalmente consegue obter este resultado à primeira tentativa. Neste caso pedir-se-lhe há de dizer o que pensa de como a alma se sente unida às outras suas componentes. Se pedirá à tríade de separar as três componentes e que retomem a posição original. Notar-se há que todas as vezes que alma, mente e espírito se unem e depois se re-separam as cores das três lâmpadas tendem a modificar-se até à estabilidade das suas cores puras (azul, verde e vermelho ou amarelo, verde e vermelho).

Às vezes não se alcança logo uma correcta separação das cores e nesse caso prefere-se atender alguns dias porque a tríade tem que se habituar a vibrar na sua nova frequência. Por fim, se pedirá ao sujeito de unir ainda as esferas na tríade final que pode ser branca ou amarela, dependendo da presença de alma do Primeiro ou do Segundo Criador. E por fim pedir-se há à tríade de verificar se alguma outra conexão é presente. Sobretudo uma conexão que ligue alma a qualquer outra coisa.

É a este ponto que a tríade sente a conexão com Hp do primeiro ou do segundo criador que pode ter ficada activa. Pede-se à tríade de eliminar esta última conexão, puxando a si o elástico que liga as duas extremidades. A tríade efectua esta operação em poucos instantes sem nenhum efeito emotivo.

Pede-se à tríade de transformar o aposento num aposento vibrante, capaz, quando solicitada do externo, de interagir de forma destrutiva com qualquer coisa tente de entrar.

A este ponto fazem-se re-separar as lâmpadas de alma, mente e espírito e se pede à lâmpada de alma de olhar no espaço-tempo onde estão as suas cópias, sem sair do quarto. Alma não deve nunca sair do quarto durante estas operações.

Alma vê e descobre facilmente as cópias que são visualizadas sem aparente dificuldade, dentro cilindros horizontais ou verticais e pede-se à alma de emitir um raio luminoso da sua cor que, para além do espaço e do tempo, vai a tocar as cópias que são, com este sistema, rapidamente eliminadas.

Se não se perde tempo com os detalhes, isto é, não se pede à alma de ir ver, *em remote*, o que acontece na sala das cópias, o inteiro processo pode durar por volta de 15 minutos e garante uma libertação total do abduzido.

Por fim é aconselhável pedir à parte anímica de não permitir nunca mais a ninguém de entrar no aposento e pede-se-lhe de ficar no quarto para defender o próprio contentor.

Post procedimento

Depois de ter efectuado este procedimento, o sujeito é imediatamente fora do problema. Esse será sujeito ainda a interesse por parte de militares e alienígenas mas deveria ser capaz de não se deixar apanhar outra vez. Os casos em que o sujeito vem apanhado outra vez dependem exclusivamente de quanto a alma tenha verdadeiramente decidido de não abandonar nunca o próprio contentor.

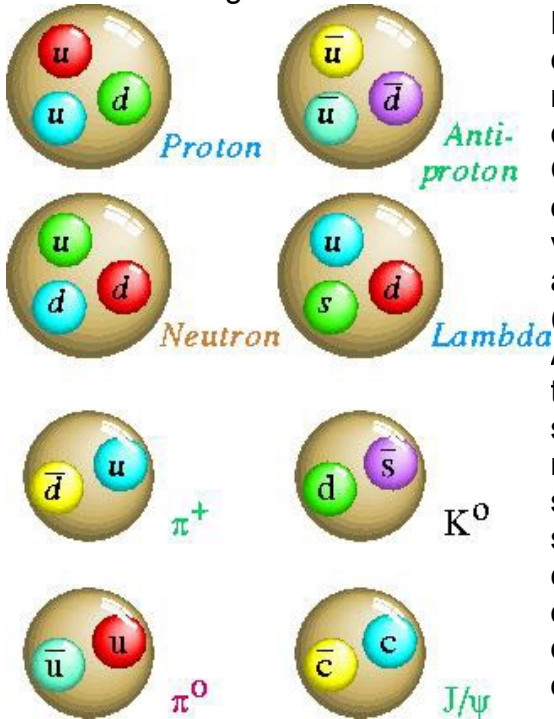
Tal procedimento, como se pôde verificar, não se refere a alienígenas de nenhum tipo, mas apenas a arquetípicas esferas coloridas.

Mas o poder arquetípico das cores é grande e o resultado confirma a eficácia da nossa metodologia.

O sujeito poderá de seguida efectuar controlos no aposento das esferas. A cor das esferas lhe dirá imediatamente se existem problemas de parasitagem de qualquer tipo, sem necessidade de construir-se uma simulação mental complexa que poderia criar, aos sujeitos cenestésicos, alguma séria dificuldade.

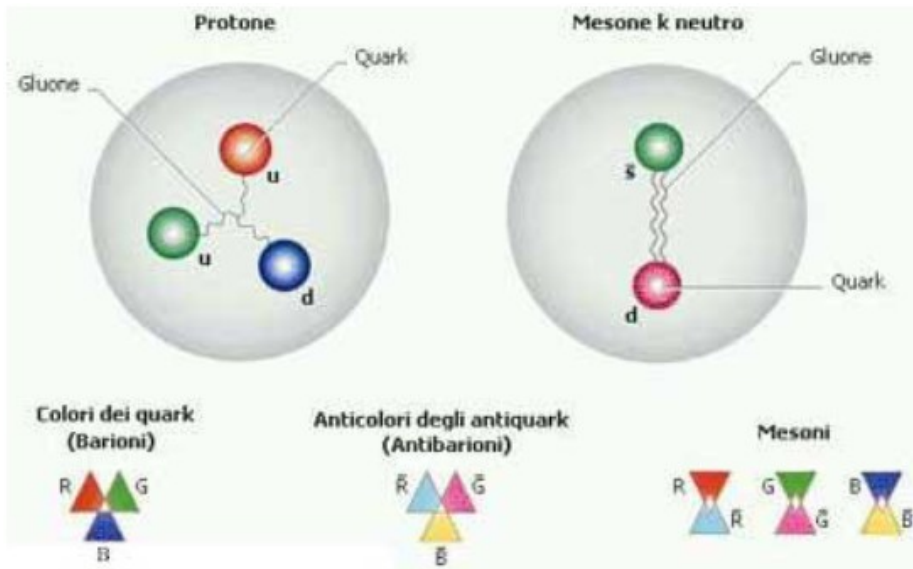
Uma consideração final

Parece interessante nesta sede, fazer notar como a teoria do universo colorado tem muitos aspectos em comum com a teoria da simetria dos 3 quark cor up e down que nos parecem representar bem as hipotéticas partículas subatômicas capazes de definir com a sua presença seis possíveis cores que definem os oito octantes de que falamos até agora. Neste contexto os quark não seriam partículas subatômicas, além do mais realmente virtuais e não reais, mas seis aspectos da virtualidade na qual estamos imergidos e aos quais daremos propriedades virtuais realmente inexistentes mas totalmente holográficas.

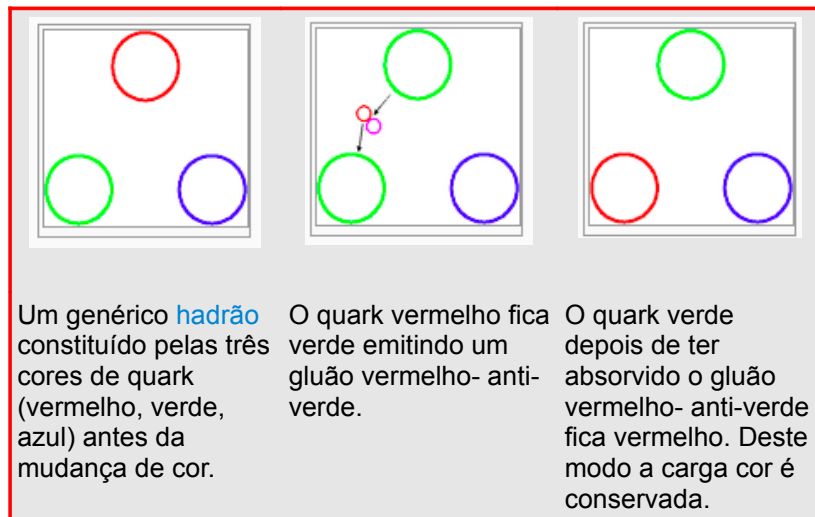


Para explicar alguns aspectos da matéria conhecida, é necessário supor que os quark sejam marcados por uma característica: um novo tipo de carga, chamada cor, sobre a qual age a força forte. Cada “sabor” de quark pode ter um dos três tipos de cor: vermelho, verde ou azul. A um quark vermelho corresponde um anti-quark com carga cor anti-vermelho (que é igual a ciano) e anti-azul (amarelo).

A analogia entre este novo tipo de carga e a cor torna possível enunciar as regras segundo as quais se combinam os quark. Os hadrões por exemplo, não apresentam uma carga de cor; portanto, a soma das cores dos quark componentes tem que ser branco ou ausência de cor. Assim, as únicas combinações permitidas são aquelas de um quark e do seu anti-quark, que dão origem aos mesões, e de um quark vermelho e um quark azul que dão origem aos bariões (brancos).



Os bariões, como os prótons e os nêutrons, são feitos de três quark, cada um com uma cor diferente. Os mesões são feitos de um quark de uma cor e de um anti-quark da sua <anti-cor>.



Exemplo de reacções coloradas

Os estados de cor não aparecem nunca isolados. Esta descoberta está de acordo com o facto que os quark livres, que têm uma simples carga de cor, não foram nunca observados.

A acção desta força forte entre os quark colorados tem que ser extraordinariamente potente, talvez suficientemente potente para confinar permanentemente os quark ao interno de hádrões incolores.

Portanto, Alma, Mente e Espírito, outro não seriam que expressões de quark.

Neste contexto poderia-se sustentar, mais uma vez, se houvesse necessidade, que é inútil ir à escola porque, de qualquer maneira, as coisas, arquetipicamente, vêm sempre à gala e até de maneira decididamente mais simples de como, às vezes, o hemisfério esquerdo tende a representá-las.

Deve-se dizer que, ir à escola permite compreender e descrever melhor, ou de qualquer modo, ter os pré-requisitos para aperceber-se de maneira mais completa e apropriada das sensações anímicas, estruturando-as num contexto virtual rigorosamente geométrico <http://www.infn.it/multimedia/particle/paitaliano/color.html> como sustentado também por Fritjof Capra (Fritjof Capra, *Il Tao della fisica*, collana Gli Adelphi, traduzione di G. Salio, Adelphi, 1989. pp. 381).

Referências

1. Klotsche C., Colour Medicine. Arizona: Light Technology Publishing, 1993.
2. Azeemi, Khawaja Shamsuddin, Colour Therapy. Karachi: Al-Kitab Publications, 1999.
3. Hassan M., Chromopathy. Peshawar: Institute of Chromopathy, 2000.
4. Coclivio A., Coloured light therapy: overview of its history, theory, recent developments and clinical applications combined with acupuncture. Am. J. Acupunct., 1999; 27:71–83.
5. Anonymous, Colour history. Accessed at http://www.colourtherapyhealing.com/colour/colour_history.php .
6. Graham H., Discover Colour therapy. (2004) Ca USA: Ulysses Press 1998.
7. Anonymous, Light therapy. Accessed at [http://www.holistic-online.com / Light_Therapy/light_intro.htm](http://www.holistic-online.com/Light_Therapy/light_intro.htm) (1998).
8. Pleasanton A., Blue and Sun Light. Philadelphia: Claxton, Reuser &Haffelfinger, 1876.
9. Babbitt E., Principles of Light and Colour. MT, USA: Kessinger Publishing, 1942.
10. Ott J., Health and Light: The Effects of Natural and Artificial Light on Man and Other Living Things. Connecticut, USA: Devin-Adair Pub, 1972.
11. Ghadiali D., Spectrochrome Metery Encyclopedia. NJ, USA: Dinshah Health Society, 1997.
12. Perry R., Scientific documentation on colour therapy. Accessed at <http://www.rachelperry.net/SCIENTIFIC.html>.
13. Shah J., Divine healing, Accessed at <http://www.jmshah.com> .
14. Moss T., Body Electric, New York, P. Tarcher, 1980.
15. Amber R., Colour Therapy. Sarta Fe, N.M., Aurora Press, 1964.
16. Birren F., Light, Colour and Environment. PA, USA: Schiffer Pub Ltd, 1988.
17. Kortkov K., Accessed at <http://www.kirlianresearch.com> .
18. Qalander B., LOH-O-QALAM, Maktaba Tajuddin Baba Auliya, Karachi, 1979.
19. Ebbesen F, Agati G, Pratesi R., Phototherapy with turquoise verses blue light. Archiv Des Childhood Fetal Neonatal Edn 2003;88:F430.
20. Schauss A. G., Tranquilizing effect of colour reduces aggressive behavior and potential violence. J Orthomol. Psych., 1979; 4:218–21.
21. Gaham H., Then and now—Part 2. Accessed at http://www.innerself.com/Health/Colour_Therapy_part_2.htm .
22. Peterson A., Our relationships with light and colour. Accessed at <http://www.inlightimes.com/2001/02/colour-light.htm> (2001).
23. Walker M., Power of Colours. NY, USA: Avery Publishing Group, 1990.
24. para uma discussão didáctica sobre a teoria do Universo pode-se descarregar a interessante lição da prof. Marina Cobal da Universidade de Údine: http://www.fisica.uniud.it/~cobal/Standard_Model.ppt

Reflexões sobre oTCT Dinâmico

Também no caso do Triáde Color Teste Dinâmico (TCTD), como aliás fizemos com a *Flash Mental Simulation* (FMS), antes de fazer um documento oficial que reporta a técnica utilizada, as notas que sustentam as motivações científicas e a potencial validade do método proposto, consideramos oportuno efectuar uma experimentação exaustiva.

Ao acto da publicação deste documento, mais de cem sujeitos se submeteram ao procedimento que conduziu a resultados interessantes.

Assim, se por um lado obtivemos resultados mais que encorajadores, seja para a cura de paranóias de vária natureza que de atitudes esquizóides em sujeitos não abduzidos, testamos o procedimento sobre simples parasitados e por fim, sobre abduzidos conclamados.

As análises conduzidas até este ponto permitem-nos exprimir algumas observações de base que servirão seja aos abduzidos que aos eventuais futuros desfrutadores de tais técnicas ligadas à simbologia das simulações mentais.

Percentual de sucesso com o emprego do TCT.

Ainda se é cedo para falar de resultados seguros, ressalta-se no entanto, que temos já à disposição tantos de aqueles dados de identificar um *trend* de base que parece demonstrar que o TCT é extraordinariamente rápido e poderoso.

Notámos no entanto, em alguns casos particulares, a presença de uma recaída no problema, seja esse de natureza psicológica que de natureza abduziva, depois de um tempo variável entre quinze dias e quatro meses do acto da primeira aplicação da metodologia reportada. Neste período de tempo, o sujeito tratado com o TCT dinâmico, volta a nós com claros sinais de recidiva do seu problema.

Perguntamo-nos, obviamente, qual fosse a causa deste problema e encontramos uma, algo provável, resposta.

Devemos sublinhar que tal tipo de problemática se tinha já apresentada trabalhando com sujeitos abduzidos, seja empregando as técnicas de hipnose clássica, seja com as técnicas de hipnose rápida, com o uso da FMS e por fim com o TCT.

Estas técnicas baseiam-se em princípios bastante diferentes e são caracterizadas por um sempre mais veloz procedimento aplicativo. Com a hipnose clássica de facto, o sujeito é tratado, no arco de dois anos, até à quase total saída do problema. A hipnose rápida produzia numa só sessão de aproximadamente duas horas, o mesmo e mais completo resultado. Na simulação flash, com uma só aplicação, sem necessariamente descer a níveis hipnóticos profundos, obtinha-se um melhor resultado e com o TCT, num tempo que vai dos 15 aos 20 minutos, sem aplicação de estados hipnóticos, obtinha-se um resultado ainda mais marcado.

Nas hipnoses clássicas não chegamos nunca a libertar o sujeito das interferências dos Homens Primeiros ou do destaque dos dois Criadores que, ao invés, pode ser obtido com o TCT dinâmico em brevíssimo tempo. Não obstante os tempos reduzidos das aplicações do TCT e da substancial diferença entre as técnicas, existia, em todo o caso, a presença, em alguns sujeitos, de recaídas ou recidivas do problema que, com estas técnicas e no caso do TCT dinâmico, não tínhamos sido capazes de eliminar com uma só aplicação.

É de salientar que, sendo as técnicas utilizadas completamente diferentes entre elas, não podíamos imputar os insucessos obtidos ao tipo de tecnologia empregada até porquê, a aplicar as técnicas eram diferentes nossos colaboradores sobre sujeitos diferentes. Na realidade descobriu-se que os sujeitos sobre os quais esta recidiva aparecia, tinham uma característica fundamental. Não queriam, inconscientemente, libertar-se do fenómeno.

Noutras palavras, as nossas metodologias e sobretudo a FMS e o TCT funcionam sempre e indistintamente, a prescindir do sujeito sobre o qual são aplicadas. O sujeito sai da

aplicação sempre com o seu problema resolvido! O verdadeiro problema apresenta-se depois, quando o estado de “cura”, não consegue ser mantido no tempo.

O abduzido, por ex., que não tem consciência da sua situação, encontra-se depois da aplicação do TCT, sem as interferências alienígenas, sem os microchip, sem interferências de qualquer tipo e começa a viver numa situação em que o mapa do território é completamente mudado.

Por outro lado o alienígena, qualquer que ele seja, não tem nenhuma intenção de perder assim, sem um único golpe disparado, a sua vítima e procura retomar o controlo da tríade (alma, mente e espírito) e do contentor do sujeito.

Nesta batalha pela liberdade o abduzido pode estar sujeito a fortes pressões de natureza psicológica. O alienígena procura convencer o sujeito que sente, dentro de si, a incapacidade de viver sem a presença do alienígena que, se por um lado representa o algoz, por outro toma-se toda a responsabilidade dos falimentos da vida do próprio abduzido.

E já que é mais fácil viver mal dando a culpa ao alienígena, que viver mal dando a culpa a si mesmos, muitos dos nossos abduzidos decidem inconscientemente deixar-se retomar e recair assim no âmbito de uma sujeição total e perene.

Para além disso, o alienígena caçado, para poder reentrar a dominar dentro do contentor do abduzido libertado tem extrema necessidade da autorização deste último.

Neste contexto, desde a pactos com o próprio abduzido ou tenta convencê-lo que sem a colaboração abduzido-alienígena, a vida seria um qualquer coisa de medíocre. O sujeito abduzido que tem necessidade de recuperar uma identidade nunca tida, à causa da baixa estima de si mesmo, aceita de deixar-se re-parasitar, utilizando um processo de dissonância cognitiva que lhe faz acreditar de poder libertar-se do parasita ou do alienígena quando quiser, visto que o fez já uma vez. Mas na realidade, dentro de si, não é mais capaz de o fazer à causa de uma pseudo crise de abstinência.

Os sujeitos que tendem a recair na armadilha alienígena, apresentam portanto, um ponto débil no seu carácter. Desejos de um reconhecimento da sociedade? O alienígena dentro de ti te promete sucesso e televisão. Queres obter uma boa relação com o *partner*? O alienígena encontra-te um, igualmente abduzido, com a qual, além disso, viver uma vida em companhia.

Em companhia sim, mas de inferno, só porque o alienígena alimenta a teu medo de abandono.

O abduzido tem medo de ser abandonado. Foi-o por vários motivos, pelos pais que não o tinham suportado, foi-o pelos filhos pelo mesmo motivo e foi-o pelos *partner* que tinham medo dele. Os amigos isolavam-o e portanto, é melhor ter um alienígena dentro de ti, faz-te sentir diverso, que estar sozinho e sentir-se vivos.

Noutras palavras, retomando nesta sede um conceito fundamental que já expressei noutro lugar, o abduzido não tem uma forte identidade e quando não é mais abduzido, perdeu também aquela da sua precedente situação. Se o abduzido libertado não é submetido a uma terapia de sustenho que tenda a reforçar a própria identidade, existirá o risco concreto que o alienígena o possa re-parasitar porque, na mente do abduzido, começa-se a delinear a imagem de um *Sê curado* e portanto, não mais interessante para a sociedade. Um *Sê curado* mas não só! Então, era melhor quando estavam *eles* porque pelo menos não se era sozinhos?

O alienígena, especialmente o Lux, trabalha muito sobre a psique e sobre os pontos débeis do abduzido através dos quais o comandou desde o nascimento. Outros parasitas que derivam de zonas diferentes do Universo, quais aqueles identificados com as siglas Grunhido, ou Ra, ou Azul, que como Lux são caracterizados pela ausência de um corpo sólido, transformam o sujeito abduzido num humano bastante agressivo, modificando-lhe totalmente o aspecto comportamental.

Tal agressividade é frequentemente mascarada por um comportamento que imita aquele

de uma figura de comandante, mas que tem a exigência de se por como sujeito ameno “criante” as regras de um novo movimento pseudo-religioso.

Também deve ser dito que a recrudescência da abdução se faz sentir, mesmo se em casos bastante raros, talvez mais com o emprego da técnica do TCT que não com a técnica da hipnose clássica. De facto, nesta sede deve ser absolutamente sublinhado, como com a hipnose clássica o sujeito fazia, passo a passo, um caminho lento mas sólido, de aquisição de consciência que ao contrário, com uma aplicação de vinte minutos do modelo TCT não adquire. Noutras palavras, há o risco que com o TCT o sujeito venha absolutamente e totalmente libertado rapidamente do seu problema mas, não tendo entendido nada deste problema, não tenha nem sequer adquirido consciência dele e é por isto que, se na aplicação destas técnicas não se tem em conta isso, essas tenderão a falir miseramente.

Anima travel.

Notamos também que depois da primeira aplicação do TCT, naqueles casos em que a parte anímica sai do contentor por sua vontade e deixa o contentor em parte sem custódia, vêm a cair todas as defesas que tínhamos programado com os oportunos módulos seja da FMS que em âmbito de TCT.

Não obstante que se procure reprogramar Alma a restar no contentor para o salvaguardar, em alguns casos essa tende a desvincular-se dele por falta de conhecimento e de consciencialização. Nestes casos, o sujeito vem re-parasitado imediatamente e o processo de libertação deve ser repetido do início. A dificuldade de manter a parte anímica ao interno do seu contentor (o corpo) é uma dificuldade objectiva, que mais uma vez, parece depender do grau de consciência da própria alma.

Noutras palavras, para manter distantes os alienígenas, necessita mais uma vez, fazer o abduzido adquirir consciencialização da sua situação.

A psicose com o TCT.

Uma mais modesta casuística à nossa disposição parece demonstrar que sujeitos com problemas psíquicos que crêem ser abduzidos, mas que na realidade não o são e que são tratados com o TCT, parecem reagir imediatamente e positivamente à sua situação psicológica. Nos dias sucessivos ao tratamento o sujeito parece ter resolvido totalmente o seu problema. Se toma psicofármacos suspende-os e não mostra crises de abstinência, se o sujeito é esquizofrénico, a sua esquizofrenia é imediatamente anulada, se é paranóico a sua paranóia parece ser conténível.

Todo o benefício, mais uma vez, parece durar alguns meses e depois o sujeito tende a recair no seu originário problema.

O sistema do TCT possui dois momentos fundamentais, o primeiro dos quais é caracterizado pela visão mental das três esferas coloridas. Naquele instante entende-se imediatamente se o .sujeito que se submete ao teste é abduzido ou parasitado, ou simplesmente psicótico, mais ou menos grave.

Da análise das cores, se o sujeito apresenta psicoses, essas apresentam-se com uma variação das cores standard com a substituição das cores complementares (ciano, magenta, amarelo). Naquele contexto, com a segunda parte do teste (a parte dinâmica) pede-se ao sujeito, seguindo um protocolo oportuno, de mudar a cor das três lâmpadas fazendo-as assumir a justa posição no quarto mental e a justa cor.

Naquele instante, em automático, as três componentes são reequilibradas e o sujeito psicossomaticamente cura.

Neste contexto, a doença psíquica, que se torna somática, está ligada a um mau funcionamento das componentes da tríada que mostram uma má abertura dos seus canais para com as partes virtuais do universo. Os canais são automaticamente e inconscientemente abertos por um acto de vontade que produz a mudança das cores.

Mudar as cores não quer dizer somente modificar a vibração da tríade ou das suas componentes, mas está a significar também, abrir aqueles canais que são visualizados como vectores cor. Onde um espírito vermelho, por ex., é amarelo, esse está emitindo tal cor porque, não só não absorve no eixo do espaço (o que é normal para a componente espiritual vista a sua natureza), mas não absorve nem sequer do eixo da energia (verde). O sujeito com espírito amarelo será portanto uma pessoa com pouca energia já que o seu espírito, a parte masculina de si, a sua parte racional, o seu hemisfério esquerdo (leitor de hologramas esquerdo) não tem força para trabalhar bem.

Isto é só um banal exemplo de aquilo que queremos sublinhar.

Quando vem efectuada uma aplicação do TCT, o sujeito tem os chakra abertos (diriam na linguagem new ageiana, por nós não compartilhado mas suportado), mas não compreendeu porque tais canais estavam fechados e uma vez abertos tenderão a re-fechar-se no tempo, à causa da falta de consciencialização que o sujeito não adquiriu através a simples mecânica do Teste, a menos que o procedimento não seja acompanhado também por um processo de compreensão, que só quem conhece a fundo a metodologia pode garantir.

Quem pode conduzir um TCT e como fazer. Código deontológico.

Embora o TCT seja extremamente simples, o nosso grupo de trabalho desaconselha vivamente de improvisar-se operadores do TCT.

Aquilo que tem que ser feito, segundo os nossos estudos, está ligado ao exacto procedimento, que só um dos nossos colaboradores, por nós reconhecido, pode efectuar, senão por nada mais, por ter experiência em ter conduzido dezenas e dezenas de sessões.

Só depois que um sujeito tenha sido submetido ao TCT dinâmico, poderá re-executá-lo sobre si mesmo já que se terá apoderado da técnica do interno do quarto mental da sua simulação.

Isto obrigará o sujeito abduzido a deixar-se aplicar pela primeira vez o TCT por um operador externo e só sucessivamente poderá efectuar, sem operador, o fácil procedimento que tenderá somente e principalmente a controlar a cor das três lâmpadas e, onde essas tendessem a retornar de cor errada, se tentará voltar a levá-las à justa emissão, produzindo assim uma continua estabilização dos canais espaço-tempo-energéticos do sujeito, que não deveria mais ter necessidade do tramite externo, num processo de continua manutenção.

O operador externo, ao invés, servirá somente a praticar, onde necessário, uma terapia de sustenho, endereçada ao reforço do Super Eu do sujeito, tendo-o distante de prováveis ou hipotéticas recaídas.

É fundamental que o sujeito libertado do seu problema tramite o TCT Dinâmico, continue a ser seguido e controlado por um período variável, de um a três meses, até à obtenção da nova estabilidade mental e da compreensão do novo grau de aquisição de consciencialização do Sê.

Para além do facto que esta técnica tenha sido inventada por quem escreveu este artigo e passada pelo estudo aprofundado de um grupo de investigação sobre fenomenologias alienígenas, essa deveria ser tomada em consideração pelos psicoterapeutas: psicólogos ou psicoanalistas, não psiquiatras, capazes de possuir aquela cultura de base necessária, sobretudo, a seguir o sujeito depois da primeira aplicação.

É de facto importante possuir uma cultura de base e uma sensibilidade operativa, que certamente o primeiro ufólogo que passa pela rua não poderia provavelmente nunca possuir.

Nos artigos que explicam como funciona esta nova técnica quisemos reportar só os cânones GERAIS para interpretar o teste, mas uma correcta análise interpretativa do teste é possível só a um operador que tenha praticado dezenas e dezenas de TCT.

Não chega portanto ter lido simplesmente estes artigos para poder manobrar a técnica com facilidade. Por fim podemos sublinhar nesta sede, como uma oportuna mistura das duas técnicas TCT e FMS adaptada, caso a caso, aos diversos abduzidos, resulte ser o melhor e o mais estável método para conduzir em porto o resultado final, minimizando as recaídas.

Com este estudo se entende, nesta sede, traçar apenas as linhas guia gerais do inteiro sistema, não descendo nos particulares que, ao contrário, é necessário conhecer para a aplicação da técnica.

Deontologia no uso da SMF o do TCT.

A deontologia ou ética deontológica, pode ser entendida como um conjunto de teorias éticas que se contrapõem ao consequencialismo. Enquanto o consequencialismo determina a bondade das acções dos seus fins, a deontologia afirma que fins e meios estão estreitamente dependentes uns dos outros, o que significa que um fim justo será o resultado do utilizo de justos meios. O mais famoso deontólogo foi Immanuel Kant (1724 – 1804). O seu imperativo categórico determina um conjunto de princípios universais através dos quais pode ser julgada a bondade das acções. O nome “deontologia” deriva do grego “deon” que significa “dever”. O objectivo de Kant na formulação da deontologia era estabelecer um sistema **ético** que não dependesse da experiência subjectiva mas de uma lógica irrefutável.

Portanto, a correcção ética de um comportamento seria um dever absoluto e inegável, da mesma maneira em que ninguém poderia negar que duas vezes dois faz quatro.

<http://it.wikipedia.org/wiki/Deontologia>

Outro deontólogo foi Arthur Schopenhauer, feroz crítico de Immanuel Kant.

Schopenhauer acusa Kant de re-propor a moral teológica. Para Schopenhauer o imperativo categórico de Kant outro não era que uma verdadeira e própria *contradictio in adiecto* já que o conceito de dever tem sentido só em relação a uma promessa de prémio ou a uma ameaça de castigo. Estando assim as coisas, um imperativo pode ser, para o dizer à maneira de Kant, somente hipotético (condicionado a um prémio ou a uma ameaça) e nunca categórico (incondicional). O código da deontologia profissional para todas as categorias recita quanto segue:

Art. 15 O profissional é obrigado a respeitar, na aplicação da própria actividade, os princípios inderrogáveis da Bioética: defesa do direito á vida, á saúde, do direito da criança, do papel da mulher na maternidade e na família.

Art. 16 O profissional que contraia relações com as problemáticas relativas ao desequilíbrio do ambiente, seja externo que interno, com os riscos e os danos por ele provocados..... aos sistemas vivos (animais e vegetais) e consequentes recaídas sobre o próprio Homem, é obrigado ao respeito pelo ambiente e pelo vivente; o profissional seguirá portanto, as directivas deontológicas que dizem respeito aos eco-sistemas.

É deontológico ocupar-se dos abduzidos? É deontológico que se ocupe o grupo com o qual trabalho? É deontológico ocupar-se como nos ocupamos nós?

A deontologia de Kant não nos interessa porque nós não recebemos nunca um prémio, na verdade, se alguma coisa, muitas ameaças de diversos sectores entre os quais: os serviços secretos, a maçonaria, alguns privados cidadãos fundamentalistas católicos, alguns fundamentalistas hebreus, alguns grupos ufológicos, etc.

O código deontológico de qualquer tipo está ligado à presença de uma categoria reconhecida da sociedade contemporânea. Existe o código dos médicos, aquele dos

operadores ecológicos e também, parece, aquele das putas. Todos roles reconhecidos da sociedade.

Onde o papel não tenha sido reconhecido, o código deontológico “cada um” o escreve sozinho, ou pelo menos, tenta.

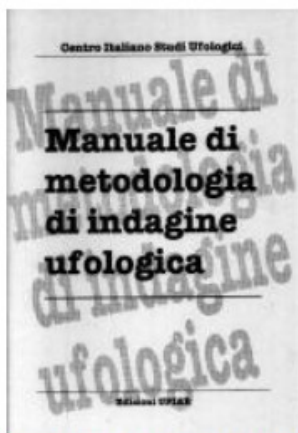
<http://forum.cosenascoste.com/ufo-alieni/41305-ode-allufologo-c-u-n-gratia-et-privilegio.html>

Infelizmente para o Centro Ufológico Nacional que tentou, alguns anos atrás, fazer passar em Itália um código deontológico do ufólogo, que sancionava *de facto* que o único grupo que pudesse fazer uma investigação em campo ufológico era, olha o caso, o próprio CUN, faliu miseramente. Não existe de facto a categoria de Ufólogo e não existe tão pouco oficialmente a categoria de abduzido. Não é aliás sancionado em nenhuma parte que o ufólogo deve ser aquele que se ocupa das pessoas que sustêm ter sido abduzidas dos alienígenas. O próprio CUN em mais de uma ocasião sustentou que o fenómeno das abduções alienígenas não existe, salvo depois desconfessar com declarações substitutivas que eram depois apagadas ainda por outras declarações em desacordo com as últimas.

Estabelecido portanto, que não pode ser o ufólogo que se ocupa dos abduzidos, seja porque não existe a categoria dos abduzidos seja porque os ufólogos dizem que as abduções não existem, quem se deve ocupar dos abduzidos?

Dos abduzidos ninguém, mas se o abduzido é considerado um doente mental, então intervêm os médicos e os psiquiatras que se devem ocupar dos abduzidos como sustêm o CUN em Itália, quer dizer, mais uma vez, que os abduzidos não existem mas que existem só doentes mentais.

Um outro belo exemplo de ética deontológica fornece-o o CISU (centro italiano estudos ufológicos) com o seu manual <http://www.ufo.it/aderire/>.



KIT INVESTIGATORE UFO

Gratuito per tutti i nuovi iscritti! **Potrà essere trattenuto anche nel caso in cui la candidatura di Adesione non venisse accettata.**

Il Kit comprende:

- L'esclusivo "**Manuale di Metodologia di Indagine Ufologica**"
- Il Modulo di **Questionario** di Avvistamento UFO
- Il **Codice di Etica Ufologica** (norme deontologiche)
- Il volume "**Il Fenomeno UFO**", la più completa e seria introduzione all'ufologia scientifica

ANCHE TU UN MEMBRO DELL'ELITE UFOLOGICA!
Aderisci al Centro Italiano Studi Ufologici

Também neste caso, se por um lado sorrimos à ideia que exista uma elite ufológica, um brívido nos percorre a coluna se pensamos que estas pessoas se inventaram uma categoria como se fosse uma espécie de novo cristianismo defensável e reconhecível pelo resto da humana progénie, através um muro de regras e códigos.

O Grupo Sentinela não fica atrás e publica também ele o seu código deontológico dividido em três partes http://www.automiribelli.org/?page_id=334.

- ✓ Responsabilidade em relação ao testemunho;
- ✓ Responsabilidade em relação ao público;
- ✓ Responsabilidade em relação à ufologia.

Mas a deontologia não é apenas responsabilidade, pelo menos segundo nós, é muito

mais segundo Kant, é um conjunto de deveres por exemplo, mas segundo Schopenhauer nem sequer isto.

Portanto, as pessoas que se enchem a boca com o termo Código deontológico não sabem absolutamente nem sequer definir-lhe o significado e não conhecem nada do problema abduutivo: esses são os sujeitos em Itália, que queriam fazer as regras! Mas antes de falar de deontologia, aqui se deveria falar, mais uma vez, de consciencialização de si.

E se entende logo que todos estes códigos e regras a aplicar a uma categoria inexistente são apenas fruto de uma tentativa demagógica de fazer passar os ufólogos por uma coisa de reconhecida pelas regras da sociedade. É como se dissessem: *“eu tenho regras semelhantes àquelas da ciência portanto, sou como vós cientistas, e se vós existis eu existo de consequência”*.

Façamos clareza.

Portanto, a Deontologia é um conjunto de teorias éticas que sustentam que o fim não justifica os meios (o não consequencialismo). Devemo-nos pôr agora a pergunta se os nossos sistemas, como por exemplo o TCT e a FMS ou a Hipnose mesma ou a PNL, sejam sistemas éticos.

Para o CUN não, porque baseados sobre asserções não científicas e portanto, conduzidos por sujeitos pouco recomendáveis. Na realidade o que o CUN, mas também o CISU, têm sempre sustentado é fundamentalmente errado. As técnicas de hipnose de simulação mental e de PNL são suportadas por milhares de páginas de literatura científica e de casuística, como aliás os nossos trabalhos frequentemente reportam. Resta então a possibilidade de sustentar que não são éticas as pessoas que utilizam estas técnicas, mas se por um lado a falta de regras não nos permite de asserir uma tese do género, por outro devíamos dizer que nunca ninguém antes de agora afrontou este problema, tendo presente que a comunidade científica se recusou repetidamente de as analisar metodologicamente e cientificamente.

Às vezes, fez de conta o fazer, não respeitando porém, as mais banais regras deontológicas, falsificando dados, deturpando factos, encorajando testemunhas a declarar o falso.

A regra.

Neste contexto não servem códigos e ouropel mas uma só regra, se assim se pode chamar, que mais que uma regra é um princípio e como tal indemonstrável e irrefutável.

Falamos do princípio de ética através a aplicação do qual cada tua acção que procurará dano aos eco-sistemas é de reter uma acção não ética.

Perguntamo-nos a este ponto se o comportamento dos grupos ufológicos Italianos seja privo de ética quando escondem depoimentos sobre eventos de abduções alienígenas ou quando ameaçam as testemunhas de eventos ufológicos, quando as obrigam a escrever e assinar declarações em que as obrigam a não divulgar o que viram a terceiros ou quando se abandonam os sujeitos abduzidos a si mesmos depois de uma inútil pseudo investigação tentada em relação a eles, sem fornecer nenhuma explicação plausível sobre os fenómenos que relataram.

As testemunhas que foram vítimas destes grupos ufológicos e que nos referiram o comportamento dos seus afiliados, o que pensarão da deontologia de tais personagens? Qual ética, nos perguntamos, está por detrás do espalhar notícias falsas, nas quais se diz que os nossos sistemas levam as pessoas ao suicídio? Qual ética haverá em colaborar com os serviços secretos e nem sequer o fazer em segredo? Qual ética haverá portanto, a relatar aos serviços secretos os nomes dos abduzidos italianos que deveriam, por problemas de *privacy*, ser mantidos em segredo ao interno de um registro especial? Será talvez por esta ética que alguns responsáveis do CUN tentam obter de nós com

meios ilícitos, os nominativos e os elencos dos nossos abduzidos?

Da nossa parte, nós publicamos as nossas metodologias próprio porque a ciência, se tivesse vontade, poderia-as experimentar ela mesma. Esta é deontologia segundo nós e é deontologia também o facto que nós, como sempre, nos tomamos a responsabilidade das nossas acções, não caracterizadas pelo ocultação clássica dos centros ufológicos de Estado.

O nosso trabalho com os abduzidos no território italiano é o único no mundo e nunca foi realizado por outros. Certamente será objecto de erros metodológicos que nenhum ufólogo foi contudo capaz de nos esclarecer cientificamente, até hoje; mas é sempre melhor da atitude de quem critica de maneira estéril mostrando a ausência total da cultura sobre a coisa da qual estamos falando. A Itália não necessita de ufólogos mas de pessoas sérias.

Bibliografia deontológica

1. <http://www.piccoligiornalisti.it/comitato.htm>
2. <http://www.scuolasuperioreavvocatura.it/bibliografia.php?idcat=9>
3. <http://cim.unipv.it/web/didattica/programmi/programma-etica-e-deontologia-della-comunicazione-2010-2011>
4. <http://www.libreriauniversitaria.it/etica-deontologia-psicologi-carocci/libro/9788843040865>
5. <http://www.scform.unibo.it/Scienze+della+Formazione/Didattica/Insegnamenti/dettaglio.htm?AnnoAccademico=2006&IdComponenteAF=203424&CodDocente=015151&CodMateria=59233>
6. http://biologia.campusnet.unito.it/do/corsi.pl/Show?_id=6e74